

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Victor Hugo Aguiar Facciolla

**Amor e Solidão no processo de individuação: um olhar teórico
acerca do relacionamento amoroso.**

São Paulo

2009

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Curso de Psicologia

Victor Hugo Aguiar Facciolla

**Amor e Solidão no processo de individuação: um olhar teórico
acerca do relacionamento amoroso.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência
parcial para a graduação no curso de psicologia, sob orientação da
Prof^a Luisa de Oliveira

São Paulo

2009

Agradecimentos

Aos meus pais Cicero Facciolla e Glaucia Facciolla, pelo cuidado, amor, apoio e lições de vida que levarei comigo para sempre. Sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus avós Wolney e Terezinha, pelo carinho e apoio durante toda faculdade.

A minha cachorra Taty, por me proporcionar diversos momentos de alegria e conforto.

Aos amigos Guilherme Marcello, Jan Leonardi, Laura Rocha, Lucas Ong e Daniel Pucci, pelo apoio e por me fazerem entender o verdadeiro valor de uma amizade.

Aos amigos Fernando Lima, Bruno Pecly e Ricardo Brilhante, por me trazerem momentos de lazer e descontração

A minha terapeuta Maia, que através de sua paciência e profissionalismo, me levou a outro nível de autoconhecimento.

A minha orientadora Luisa de Oliveira, por me guiar sabiamente durante todo trajeto desse trabalho.

Sumário

1 Introdução	7
2 Método	15
3 O amor e o mito de Eros e Psique.....	17
4 A solidão e o mito de Artemis	33
5 Amor e Solidão no processo de individuação.....	42
6 Discussão	49
7 Considerações Finais	52
Referências	54

Victor Hugo Aguiar Facciolla. Amor e solidão no processo de individuação: um olhar teórico acerca do relacionamento amoroso. 2009. Orientador: Prof^a Luisa de Oliveira

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo um entendimento mais profundo da dinâmica amorosa. Para isso foi usado a psicologia analítica como linha teórica para a compreensão de tal fenômeno. Neste trabalho o amor é visto como arquetípico, ou seja, algo que ocorreu em todos os momentos da história e em todas as culturas. A partir dessa premissa, buscamos o entendimento de mitos gregos como uma ampliação necessária para a compreensão de tal fenômeno. São usados mitos como o de Eros e Psique e o de Artemis, para ilustrarem melhor o funcionamento dos amantes.

Além disso, o trabalho busca o entendimento da solidão, que à primeira vista parece o contrário do amor. Contudo no decorrer desse processo entenderemos que o amor não existe sem a solidão.

Após entendermos as duas dinâmicas, buscaremos descobrir a importância que os dois fenômenos têm no processo de individuação. Ou seja, entenderemos como o crescimento humano cruza com sua vida amorosa e com sua solidão.

Palavras chave: Amor; Solidão; Individuação; Mito de Eros e Psique; Mito de Artemis

“O amor não é o contrário da solidão: é a solidão compartilhada, habitada, iluminada – e, às vezes ensombrecida – pela solidão do outro. O amor é solidão sempre; não que toda solidão seja amante, longe disso, mas porque todo amor é solitário.”
(André Comte-Sponville)

1 Introdução

Durante grande parte de minha vida, vivi e presenciei diversas de histórias de relacionamentos amorosos. Devido a uma “coincidência” sempre fui tido como um “conselheiro amoroso”, visto que pessoas não tão próximas buscavam em mim opiniões e conselhos acerca de seus relacionamentos amorosos. Assim, logo fui acumulando dados importantes para a compreensão de tal fenômeno. No ingresso à graduação em psicologia passei por tal situação novamente. Muitos colegas se queixavam comigo, fazendo com que uma inquietude ainda maior em compreender mais profundamente a dinâmica amorosa emergisse. Através destes relatos pude notar, que muitas angústias pessoais são de cunho amoroso: casamentos que não dão certo e paixões que não são vividas. Ou seja, problemas amorosos em geral. Deparei-me, portanto, com um fenômeno extremamente complicado de se definir, de grande dificuldade elucidativa, porém parece mover a vida de milhares de indivíduos.

Contudo, antes de começar a falar da dinâmica amorosa, cabe primeiramente explicar a concepção de ciência racionalista, para assim entender melhor um estudo feito acerca dos relacionamentos amorosos. Segundo Santos (2006), estudiosos racionalistas como Leibniz e Descartes consideram a faculdade do pensar como somente aquilo que possibilita a ciência, ou seja, a realidade factil, apreendida por meio dos sentidos e sensações é excluída frente a sua fragilidade de significação. Descartes, filósofo, matemático, nobre e extremamente católico viveu dividido entre as posições e visões de mundo dos diversos âmbitos em que se inseria. Deste modo experimentou, propriamente, um modelo de dualidade incompatível: de um lado a crença religiosa cega e carente de lógica, de outro a matemática e a filosofia racionalista, ambas pobres de credences e opiniões contraditórias.

Com as ideias propostas por Immanuel Kant, a concepção de ciência sofre transformações. Através de idéias kantianas, observamos que apesar de acreditar em uma verdade newtoniana - verdade que é somente comprovada pela razão-, é proposto que a ciência não deve se basear nessa razão pura (Kant, 2007). Não podemos provar que o universo foi à primeira instância a existir, se não soubermos o que existia antes. Ou seja, a verdade é sempre contestável, e parece ser impossível juntar todos os fatos

em uma única verdade. Concluímos assim que tanto Descartes quanto Kant criaram um modelo de ciência, porém uma contradiz a outra no sentido de que Descartes afirma que a ciência deve ser tudo aquilo que pode ser provado pela razão, enquanto Kant afirma que a ciência não devia se ater à razão, podendo estudar aquilo que não poderia ser provado por esse meio

Um estudo com ênfase no fenômeno amoroso, dificilmente se encaixaria no que Descartes chamou de razão, já que durante o desenvolver do trabalho, percebe-se que o relacionamento amoroso aparenta não ter razão alguma.

Cada amante imagina viver a mais singular das paixões, a mais inigualável. Nenhum livro poderia lhe ensinar o que ele sente e, paradoxalmente é como se todos os livros, todos os poemas e canções de amor falassem dele e do seu amor (FURTADO, 2008, p. 11-12).

Além disso, um estudo focalizado em relacionamentos amorosos dificilmente se baseia no dualismo identificado primeiramente na filosofia de Platão que entende o dinamismo humano, como podendo ser dividido em dois: o corpo e a alma. Segundo Platão, o corpo não passa de algo físico, enquanto que a alma constitui a parte pensante do ser humano. O autor ainda diz que o desejo faz parte do corpo, enquanto que o pensar faz parte da alma. Seguindo o pensamento de Platão, Descartes também utiliza-se do modelo dualista para explicar o ser humano. Segundo Descartes (1983), o homem pode ser classificado como *res extensa* e *res cogitans*. A *res extensa* é semelhante ao que Platão chamou de corpo, enquanto que a *res cogitans* tem sua semelhança da alma platônica. Kant também segue o pensamento dualista e divide o ser humano em desejo, que é desempenhado pelo corpo, e vontade, desempenhada pela alma. A alma, *res cogitans* e vontade, são como caixas blindadas, impenetráveis, soberanas e indestrutíveis, que através de reflexões mostram para o homem o que ele realmente deseja. Ou seja, todos os desejos do corpo são coordenados por essas instâncias. Temos, portanto, duas entidades: uma que deseja, e outra que controla esse desejo através da vontade (apud Chauí, 2002).

Com um ponto de vista contrário a esses autores, encontramos Demócrito, filósofo grego classificado como pré-socrático, no entanto, mais novo cronologicamente do que Sócrates e incrivelmente distante filosoficamente deste segundo. Com um pensamento atomista, Demócrito acreditava que os átomos são responsáveis pelo pensamento que temos. Diante desse materialismo, dada a soberania da matéria sobre a

alma, ele propõe um pensamento na qual não existe alma, e o corpo realiza todas as ações, ou seja, podemos afirmar que Demócrito tinha um pensamento monísta. Com essa premissa podemos dizer que segundo Demócrito, o ser humano não apresenta uma instância racional que decide tudo o que é feito. Quando Demócrito retira a parte racional do homem, ele também coloca que o pensamento humano não é controlado, ou seja, o homem não é um ser autônomo para pensar. Assim, invertendo os valores filosóficos que norteiam o pensamento da sociedade atual, o que controla nossos apetites e desejos mais obscuros então? Se não controlo meus pensamentos, como consigo segurar meus anseios? O que segura nossos anseios e desejos, são outros anseios e desejos. Se tenho um anseio de ofender um colega, tenho outro anseio possivelmente mais forte que me diz para ficar quieto (apud Chauí, 2002)

Segundo Nagy (2003), Jung de certa forma vai discordar de Demócrito, pois afirma que nem tudo tem sua causa, pura e estritamente na matéria. De fato não é essa tese a ser defendida nesse trabalho, ao dizer que será feito um estudo baseado na ideia de Demócrito. Contudo, um estudo sobre o amor mexe com assuntos não controláveis. Apaixonamo-nos por pessoas sem que saibamos a razão pela qual nos apaixonamos e fazemos coisas que não sabemos por que estamos fazendo. Ou seja, quando se trata de um fenômeno amoroso, pouco podemos concluir e na maioria das vezes ficamos no campo do desconhecido. Pickrell et al (2006) afirmam que o amor se localiza no cérebro e não no coração, e criaram experiências com ratos para mostrar como o cérebro de uma pessoa apaixonada atua, quais substâncias são liberadas etc. Mas será que embora possamos entender o funcionamento cerebral da pessoa, conseguiríamos esclarecer qual o sentido que ela atribui àquela experiência amorosa? Segundo Souza (2007), sabemos tão pouco a respeito do amor, que nossas conclusões não passam de simples observações.

Este dilema, porem se resolve a partir do momento em que entendemos como a consciência é relativa, porque seus conteúdos são ao mesmo tempo conscientes e inconscientes, isto é, conscientes, sob um determinado aspecto, e inconscientes sob um outro aspecto (JUNG, 1987c, par.397, p. 140)

Ou seja, o limiar entre a consciência e a inconsciência não é possível de ser demarcado. Assim falar em amor também é falar em conteúdos que até certo ponto são conhecidos, contudo contêm grande parte de suas informações obscuras. Criar experiências que mostram a parte cerebral do sujeito que ama, pode evidenciar muito,

todavia jamais entende o fenômeno amoroso por completo. Assim compreender o fenômeno amoroso usando como base apenas a razão, pode trazer contribuições significativas, contudo nunca abarca um entendimento completo a respeito do fenômeno. Além disso, entender o amor como algo controlável também é equívoco, pois como vemos na frase de Jung, partes dessas informações são obscuras a nós. Assim podemos afirmar que temos pouco controle sobre essas situações, já que não temos pleno conhecimento a respeito delas.

Jung (1986) traz à luz do conhecimento da comunidade psicológica o conceito de complexo, muito importante para explicar esses pensamentos incontroláveis. Os complexos estão localizados no inconsciente pessoal, embora muito do seu conteúdo tenha um cunho coletivo. Os complexos se formam através de experiências que mobilizam a pessoa. Tais experiências podem ser mantidas inconscientes, contudo por terem uma considerável força, podem tentar invadir a consciência. Ao transgredir as barreiras entre consciente e inconsciente, o complexo atinge a consciência, tomando o lugar do ego, - outro complexo, contudo consciente- fazendo com que a pessoa perca o controle.

Entendendo isso, observamos que o enamorado, muitas vezes é tomado por uma força maior, que acaba por cegá-lo. Quando inebriados pela paixão parece que não somos nós mesmos, os juízos que tínhamos parecem desaparecer. É como se uma nova pessoa surgisse.

O apaixonado é possuído pelo seu complexo: todo seu interesse volta-se para o complexo e as coisas que lhe dizem respeito. Cada palavra, cada objeto evoca o amado (igualmente nos experimentos onde palavras-estímulos aparentemente indiferentes acionam o complexo) As coisas mais insignificantes que, de algum modo, estejam relacionadas ao complexo são guardadas como jóias preciosas; todo o meio ambiente é observado sob o aspecto do amor (JUNG, 1986, par 102, p.40).

Portanto entender e principalmente compreender o amor, constitui uma tarefa árdua. Para isso é necessário realizar uma revisão bibliográfica para que assim seja possível entrar em contato com os vários pontos de vista sobre esse tema. Como este trabalho sustenta-se no referencial teórico-metodológico da psicologia analítica, será perseguido o entendimento da dinâmica amorosa através da análise da obra de alguns autores da área, como Carotenuto (1994), Moraes et al (2005), além do próprio Jung.

Um dos grandes autores da psicologia analítica que fala sobre o tema amoroso é Carotenuto (1994). Ele traz à tona em seu livro “*Eros e Pathos*”, o tema amor, relacionando-o ao sofrimento e acima de tudo com o crescimento. Diferente do que muitos veem, o amor não é apenas algo relacionado à beleza e à perfeição, mas traz consigo sofrimento e angústia para o amante em questão. O autor em questão defende que as adversidades de um relacionamento amoroso provocam no casal um crescimento tanto individual quanto coletivo. Exemplificando, um casal que se ama provavelmente vai apresentar diversas desavenças, contudo, ao identificar, aceitar e compreender tais desentendimentos o casal cresce. E não é somente a relação do casal que cresce, pois os indivíduos relacionados ao par também crescem no que diz respeito à sua própria individualidade.

Amar é uma angusta ocasião para o indivíduo amadurecer, tornar-se em si alguma coisa, tornar-se puro graças ao outro; é uma grande imodesta instância que lhe é colocada diante de si, algo que o escolhe, que o chama a uma ampla distensão (RILKE apud CAROTENUTO, 1994 p. 43).

Moraes et al (2005) também discorrem acerca do tema levando em conta o crescimento do laço, em outras palavras, algo que provoca um crescimento no casal. Analisam o tema com profundidade quando inserem a diferenciação entre amor e paixão. Descrevem a paixão como um período que antecede ao amor, e que é donimado por projeções, que fazem com que a relação seja muito prazerosa. Nessa dinâmica, o parceiro em questão é visto como perfeito, e as expectativas que são postas na relação fazem dela uma vivência com ares divinos. Já o amor entra para quebrar essa situação, nele o parceiro começa a ser enxergado como realmente se apresenta, e começa-se a perceber que tanto o parceiro quanto a relação apresentam problemas que devem ser resolvidos para que a dinâmica possa continuar saudável. Além disso, Moraes coloca um foco direto nessa experiência para o masculino e para o feminino. Fazendo uma metáfora com o *Yin e Yang* do *I Ching*, a autora remete o feminino e o masculino como opostos de um único todo.

Yin e Yang incluem masculinidade e feminilidade como princípios gerais ou imagens simbólicas, de modo que não devemos confundí-los com masculinidade ou feminilidade como características diretas de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino (MORAES et al, 2005, p.14).

O *Yang* representa a criatividade, agressividade, força, impulsividade, ou seja, ele está relacionado com o que chamamos de masculino. Já o *Yin* representa uma sensibilidade, sutileza, doador de forma etc, assim entendemos o *Yin* como o feminino. Ela ainda relaciona as duas simbologias com os conceitos de Anima e Animus criados por Jung.

Segundo Jung (1987b) quando criança, a maior influência para um sujeito é a relação parental. A imagem da anima surge inicialmente para o homem através da figura da mãe. Assim, o “ritual” de separação da mãe é algo para ser levado em conta, já que é nesse instante que o sujeito começa a entrar na vida adulta. Nesse momento a anima que antes tinha uma imagem materna, começa a ser transferida para uma mulher. Contudo essa influência não acontece apenas no exterior, pois a imagem da mulher não vem apenas de fora. Uma imagem interior aparece de forma significativa na vida do homem. Dessa forma o homem busca a sua mulher amada, baseando-se nessa imagem interna, ou seja, uma mulher que acolha as suas projeções inconscientes. “O homem, em sua escolha amorosa, sente-se tentado a conquistar a mulher que melhor corresponda à sua própria feminilidade inconsciente: a mulher que acolha prontamente a projeção de sua alma” (JUNG, 1987b, par.297, p. 65). Jung continua afirmando que o que se opõe a anima é a persona. Um homem identificado com sua persona, ou seja, que tem um papel social masculino muito forte, provavelmente apresenta uma fraqueza feminina localizada em seu inconsciente.

Ainda tratando de temas relacionados a anima e animus, Sanford (2006) em seu livro “*Parceiros Invisíveis*”, relata a vivência da anima e do animus na vida de homens e mulheres respectivamente. Ele diz que ambas estruturas trazem pontos positivos e negativos para o indivíduo. Animus e anima funcionam como uma voz interior, que muitas vezes acaba conversando com nosso exterior. Essas conversas podem tanto enriquecer nosso exterior, como levá-lo a ruínas. No caso positivo podemos por exemplo ver um homem integrando parte de sua feminilidade na consciência, e assim, entrar em contato com conteúdos inconscientes. No lado negativo, um homem pode ser dominado por uma mulher, pois sua anima poderia estar atuando com muita força na sua consciência. Ou o homem poderia negar totalmente sua anima, se tornando assim um machista, que não consegue ter uma relação saudável com uma mulher.

Percebemos então, que na psicologia analítica vários autores abordam o tema amoroso, e discorrem sobre ele em diversos aspectos. Contudo, quando falamos em solidão notamos um aspecto que apresenta uma grande importância na vida coletiva e

individual, mas que é pouco abordado pela psicologia analítica. No procedimento para realizar esse trabalho, deparei-me com poucos livros de psicologia analítica relacionados com a temática da solidão. Um dos poucos encontrados foi o livro “Solidão” de Storr (1996), que contribui para o procedimento desse trabalho. Contudo, para entender um tema tão complexo foi necessário a busca de mais bibliografias à respeito do tema. Assim tive que buscar conceitos e explicações fora do campo da psicologia, para que o trabalho apresentasse mais conteúdo. A filosofia aborda muito sabiamente esse tema, e autores como Montaigne (1961), Heidegger (2005), Boss (1997) e outros, usam da solidão como base do entendimento da sua filosofia.

Storr (1996) comenta sobre o fato explicado acima, e mostra que nos dias atuais as pessoas se preocupam demais com relacionamentos sociais. A partir da globalização, as pessoas pararam de ficar sozinhas e pensar em si mesmas. A solidão é muitas vezes vista como um tema negativo, pois ninguém quer se sentir só. Contudo, o autor traz à tona um outro olhar para esse aspecto. Storr relaciona solidão com crescimento, pois quando estamos sós estamos somente conosco mesmo. Assim, podemos ter um olhar acerca da nossa vida, não dependendo de um terceiro para que tal fenômeno ocorra. Nesse presente trabalho, não vamos abordar a solidão no sentido do não se relacionar, ou viver isolado do mundo. Podemos ser sozinhos, mas cercados de amigos, namoradas, familiares etc. A solidão entra nesse trabalho como um fenômeno que diz respeito ao pensar como um ser único.

Com um ponto de vista não vindo da psicologia analítica, mas que terá grande influência no proceder deste trabalho, Sponville (2006) relaciona o amor diretamente com a solidão. Segundo ele, as duas experiências são indissolúveis, pois uma não existe sem a outra. Veremos adiante que é impossível diferenciar o amor da solidão, já que os dois constituem uma experiência indissolúvel.

No primeiro capítulo será abordado o tema do amor. Entendendo suas implicações na vida coletiva. Para tanto será analisado o mito de Eros e Psique, para ilustrar melhor o tema em questão. Através do mito realizaremos uma análise minuciosa a respeito da complexidade do amor.

No segundo capítulo o tema vigente será a solidão. Veremos a importância dela na vida das pessoas, e a relacionaremos com o fenômeno amoroso. Para ilustrar melhor o capítulo, analisaremos o mito de Artemis, como instrumento para a melhor compreensão do fenômeno

Por fim, realizaremos um paralelo dos temas propostos nos capítulos anteriores com o conceito de individuação proposto por Jung. Buscaremos a compreensão da contribuição do amor e da solidão, para o processo de individuação.

2 Método

Conforme relatado na introdução, relacionamentos amorosos se mostram altamente subjetivos e parecem não apresentar nenhuma racionalidade. Portanto, tentar entender o relacionamento amoroso usando o modelo de ciência racionalista seria um trabalho árduo. Parece impossível entender o amor através da razão, já que o entendemos como algo irracional. Entender o fenômeno amoroso consiste em muito mais do que datá-lo em certa categoria, tentar prevê-lo e, por sua vez, controlá-lo.

Entendemos, portanto, que para analisar um fenômeno tão complexo, devemos antes, compreender sua manifestação, ao destacar como aparece em determinados momentos da história. Assim temos como objetivo neste estudo a realização de uma pesquisa teórica, pois o propósito aqui apresentado não é entender como o relacionamento amoroso atua na vida de determinada pessoa, mas entendê-lo como um processo coletivo, que ocorre em todas as culturas, desde as mais antigas até as atuais.

Para tanto, tentaremos entrar na história dos fenômenos amorosos, buscando exemplos desde a época grega até os dias atuais. Entendido isso, tentaremos compreender como o relacionamento amoroso mostra-se importante componente à história da humanidade, analisando o fenômeno amoroso em paralelo com o conceito de processo de individuação proposto por Jung. Por fim, será proposta a relação entre a dinâmica amorosa e solidão, em outras palavras, o que se destina nesta última seção da pesquisa que se segue, o objetivo central é: entender como uma pessoa pode estar com o outro, mas ao mesmo tempo estar sozinho.

Para melhor compreensão do fenômeno serão utilizadas produções literárias que mostram a expressão dos fenômenos amorosos em suas diversas formas. Dentre essas serão levadas em conta mitos como, por exemplo, o mito de Eros e Psique, o mito do Andrógino de Platão e o mito de Artemis. Alvarenga (2007) fala sobre os mitos:

Essas histórias constituem elementos transformadores da personalidade dos próprios divinos e configuram caminhos arquetípicos de humanização, nas suas características criativas ou defensivas, os quais podem ser encarados como uma amplificação simbólica da estruturação da psique (ALVARENGA, 2007 p. 15).

Assim, entendemos o mito como um padrão arquetípico que continua a se repetir na vida das pessoas até hoje. A utilização dos mitos servirá, portanto, para compreendermos o fenômeno amoroso e da solidão como arquetípico, para que assim possamos entender como ele atua na vida das pessoas.

Para o decorrer desse trabalho, utilizaremos como base a psicologia analítica, proposta inicialmente por C.G. Jung.

3 O amor e o mito de Eros e Psique

Abordar o fenômeno do amor e paixão é tratar de algo não palpável, discutir sobre tema pertencente apenas ao âmbito vivencial, ou seja, difícil de se explicar e definir. Muitos escritores tentaram exprimir em palavras o amor na sua complexidade, um deles foi Luiz de Camões:

*O amor é fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente,
É dor que desatina sem doer,
É solitário andar por entre gente,
É nunca contentar-se de contente,
É cuidar que se ganha em se perder.*

(CAMÕES apud RUSSO, 1989)

Dentre os relacionamentos amorosos, daremos ênfase ao amor e à paixão.

Segundo Moraes et al (2005) quando se fala em paixão, pouco se pode concluir, dada a não mensuração explicativa do tópico. Entretanto, o que se mostra possível de apreensão e discussão teórica diz respeito apenas à observação de seus efeitos. A paixão faz de seu objeto um verdadeiro Deus, capaz de ser tudo aquilo que se quer, e satisfazer todos os desejos. Em outras palavras, uma pessoa que fará nossa vida “andar nos trilhos”. O objeto da paixão parece ser alguém que tem algo que não temos, que vai suprir nossas necessidades e carências. Deste modo, é possível afirmar: a vivência da paixão enquanto fase passageira é dominada por projeções.

Segundo Moraes et al (2005), projeções ocorrem frequentemente em nossas vidas, seja numa relação amorosa, em contexto familiar, ou até mesmo em uma amizade. A projeção ocorre quando lançamos ao outro conteúdos que na verdade são nossos, é ver o outro de uma forma que nós queremos que ele seja, e não da forma que ele realmente se mostra. Muitas vezes acabamos percebendo a relação amorosa apenas por um determinado ângulo de compreensão, que mostra o outro como realizador de

todos os nossos desejos. As projeções apresentam um caráter negativo e um positivo. Como positivo, destacamos que é através da projeção que se pode entrar em contato com os próprios conteúdos internos. Ou seja, ao vermos algo no outro, podemos então também enxergar algo que diz respeito a nós mesmos. Com isso, o crescimento interno pode ocorrer, levando ao amadurecimento do sujeito.

O desejo de estar com o outro em geral não se satisfaz com a simples presença física de um parceiro. Trata-se de uma necessidade pessoal que se espera seja satisfeita na relação com aquela pessoa que, num dado momento, torna-se o receptáculo das projeções existentes e é idealizada como sendo o nosso complemento ideal, a própria alma gêmea. Na prática, traduz-se por apaixonar-se. Psicologicamente, trata-se de uma sucessão de mecanismos projetivos através dos quais atribui-se ao outro a tarefa de complementar a relação, realizando as aspirações que não são as suas próprias, mas do parceiro (PREGNOLATO, 2003, p. 2).

As projeções podem, portanto, adquirir caráter negativo. Exemplificando, mostra-se possível projetar no outro algo que ele não é, criando, assim, uma pressão para que este se torne algo não característico dele e, diante dessa situação, duas coisas podem ocorrer: 1) O outro percebe que não pode ser aquilo que seu parceiro quer que seja, e acaba rompendo os laços mantidos na relação. 2) Por assim dizer, aceita sua nova *persona* vivenciando-a. A segunda afirmação tratada, pode ser de extremo perigo, pois ao internalizarmos uma nova *persona*, a vivenciamos com frequência e fugimos de nossa natureza.

Encontramos também nessa dinâmica a projeção de *anima* e *animus*, conceito proposto por Jung. Entende-se por *anima* a parte feminina que habita o homem, e *animus* a parte masculina que habita a mulher. Sanford (2006) chama *anima* e *animus* de parceiros invisíveis, já que se tratam de conteúdos inconscientes, porém aparecem em todas as relações amorosas humanas. Segundo Jung (1987), um homem procura uma mulher que entre em acordo com sua *anima*, ou seja, escolhe a parceira de acordo com o que seu lado feminino. O mesmo mecanismo acontece com a mulher, que escolhe seu par baseada em sua correspondência masculina, em outras palavras, em função de seu *animus*. Isto é, tanto o homem quanto a mulher projetam em seu parceiro características inconscientes.

Essas imagens psíquicas projetadas constituem os Parceiros Invisíveis em todo relacionamento homem-mulher, e influenciam grandemente o relacionamento, porque, sempre que ocorre uma projeção, a pessoa

que carrega a imagem projetada ou é muitíssimo supervalorizada ou muitíssimo subvalorizada (SANFORD, 2006, p. 21).

Mediante a essas projeções, é perceptível a existência de dois tipos de projeções de anima e animus: uma que podemos chamar de positiva e, por sua vez, o completo antagonismo à primeira, a negativa. No aspecto positivo ocorre o que antes descrevemos como paixão, na qual o parceiro é altamente desejado. O parceiro fascina o enamorado, e, por vezes, é visto como um Deus. Apesar de ser chamada positiva, essa projeção pode trazer aspectos de cunho negativo. Como por exemplo, se a projeção ocorre de forma muito intensa, é possível que um dos parceiros seja sufocado na relação. Sanford relata o exemplo dessa projeção na questão da anima:

Ela descobrirá também que o homem se ressentido quando ela faz qualquer tentativa para desenvolver sua personalidade individual, de maneira tal que esse desenvolvimento supera a imagem de anima, que ele colocou sobre ela, porque na verdade, ele a vê não como ela realmente é, mas como ele deseja que ela seja. Ele a deseja para satisfazê-lo e continuar vivendo para ele sua imagem feminina (SANFORD, 2006, p. 23).

Desta forma, o parceiro que antes apresentava uma projeção positiva, passa a ser entendido a partir de um referencial de projeção negativa. A pessoa que antes era considerada um Deus, começa a apresentar defeitos, começa a se tornar irritante e, em conclusão, é entendida como o humano imperfeito e faltante que é. Neste momento, a relação pode sofrer um baque, podendo levar até mesmo ao término.

No livro “*O banquete*”, Platão (1988) realiza diversos diálogos, com outros filósofos a respeito do amor. Aristófanes ilustra perfeitamente a experiência de um casal da fase que chamamos de paixão. A narrativa platônica diz que: antigamente a raça humana não apresentava dois sexos, mas sim três; um que apresentava duas metades masculinas, outro que apresentava duas metades femininas e um terceiro que apresentava uma metade masculina e a outra feminina. O andrógino é descrito como uma criatura primordial, possuidora de quatro pernas, quatro braços, duas faces exatamente iguais. Era redondo, e suas costas e lados formavam uma estrutura redonda, que permitia que ele não apenas andasse, mas também rolasse, podendo assim cobrir grandes distâncias. Além da velocidade, o andrógino apresentava uma força exuberante. Devido à sua ambição, os andróginos são tomados pela *hybris* e resolvem subir o Monte Olimpo para desafiar os deuses. Zeus se enfurece com tal situação e, diante do pecado

cometido pelos andróginos, resolveu puní-los. Cria um plano para deixar as criaturas mais humildes. Ele decide então cortar as criaturas ao meio, diminuindo sua força e velocidade. No início, a fome e o desespero tomaram conta das criaturas, o que deixou Zeus fragilizado e preocupado. A partir dessa consequência uma nova idéia surgiu; Zeus virou a parte reprodutora dos seres para a sua nova frente, - antes eles copulavam com a terra - proporcionando-lhes a reprodução tal como o modelo humano.

Com o tempo eles esqueceriam o ocorrido e apenas perceberiam seu desejo, um desejo jamais saciado inteiramente no ato de amar, porque mesmo derretendo-se no outro pelo espaço de um instante, a alma saberia, ainda que não conseguisse explicar, que seu anseio jamais seria completamente satisfeito (BELOTTI, 2006, p.1).

O mito do andrógino nos remete à (*im*)potencialidade do ser humano. A incapacidade de estar só, e precisar de uma completude. Ele nos mostra também o nosso mito interno da busca pela alma gêmea, pela parte faltante. A metáfora da alma gêmea representa nossa parte do andrógino que foi separada. Ou seja, alguém que vai nos complementar, e que nos fará sentir a força característica da criatura mitológica antes da intervenção de Zeus. Podemos encadear esse mito com a idéia de anima e animus proposta por Jung. A busca da nossa parte faltante do andrógino pode ser analisada como a busca por nossa própria anima ou animus.

Não podemos afirmar verdadeiramente a existência de uma alma gêmea para cada pessoa. Mas podemos observar que com algumas pessoas nos relacionamos de forma positiva. Talvez a questão referente à existência de uma alma gêmea surja de uma cultura que busca o amor perfeito incessantemente, ou do sentimento de incompletude característico do ser humano. Entretanto muitos confundem o amor perfeito com a paixão que é sentida no início de uma nova relação dotada de idealizações e expectativas.

A necessidade de buscar um parceiro, para com ele compartilhar os mais diversos momentos da vida, é uma característica tão típica do ser humano que o simples fato de se dar destaque a essa peculiaridade pode parecer, à primeira vista, redundante. Partir da idéia de homem como ser social por definição corresponde, na terminologia junguiana, a dizer que a busca do outro é arquetípica (PREGNOLATO, 2003, p.1).

Em um primeiro momento, uma relação é observada através da ação intensa proporcionada pelas vicissitudes da paixão. Contudo, quando a relação desenvolve crescimento temporal e íntimo as projeções diminuem progressivamente. O lado sombrio dos parceiros emerge com maior frequência, ou seja, os defeitos começam a ser notados e, enxergar a pessoa na sua propriedade se torna inevitável. O parceiro muitas vezes observa que aquela pessoa não é nada do que outrora havia imaginado. Entretanto, quando o par se mantém, mostra-se pertinente falar finalmente, que segundo Moraes et al (2005) o amor é atuante.

Mesmo o melhor casamento não é capaz de apagar as diferenças individuais e tornar os estados dos esposos absolutamente idênticos. Normalmente, um deles resolve seu caso no matrimônio mais depressa do que o outro (JUNG apud PREGNOLATO, 2003, p.3).

Como visto acima, amor e paixão podem ser muitas vezes vistos como sinônimos. Por exemplo, em uma obra de grande renome escrita por Shakespeare (apud ROUGEMONT, 2003), o par amoroso “Romeu e Julieta”, é considerado pela mídia o exemplo de amor perfeito. Mas será que ali realmente houve amor, ou será que ocorreu o fenômeno da paixão? Romeu morre antes que possamos descobrir se eles seriam felizes para sempre. Outro caso seria o conto que acabou virando desenho da Disney “Cinderela”. Assim que ela conhece o príncipe, a narrativa acaba. Assim entendemos que falar que o casal se amava pode ser equívoco, já que o tempo e a profundidade que o casal possuía, parece não ser o bastante para tal feito. Podemos, no entanto, falar que os dois eram apaixonados, já que a história amorosa parece perfeita.

De acordo com a teoria junguiana, pode ser considerado que o fenômeno amoroso é *arquetípico*, pois se manifestou e ainda se manifesta em todas as culturas. Segundo Jung, arquétipo é:

A imagem primordial que também chamei de arquétipo é sempre coletiva, ou seja, é no mínimo comum a todos os povos e tempos. Provavelmente são comuns também a todas as raças e épocas os principais motivos mitológicos. Pude constatar a existência de uma série de motivos da mitologia grega nos sonhos e fantasias de negros de raça pura que sofriam de doenças psíquicas (JUNG, 2000b, par. 832 p. 419).

Ao considerar o fenômeno amoroso como arquetípico, podemos supor que ele tenha uma função, um propósito na vida psíquica.

Na mitologia grega o deus do amor é conhecido com Eros, enquanto que na romana é apresentado como Cupido. Algumas versões mostram que Eros nasceu da união da deusa Afrodite – a beleza - com o deus Ares – a guerra. A história de Eros está profundamente ligada a história de Psique, que era filha mais nova dentre as três filhas de um rei e uma rainha. Embora Psique fosse humana muitos diziam que ela apresentava a beleza de uma deusa.

Em certa cidade havia um rei e uma rainha que tinham três filhas lindíssimas. As duas mais velhas ainda que fossem também muito belas, podiam perfeitamente ser celebradas por louvores dos homens, mas não havia linguagem humana capaz de descrever ou pintar a formosura extraordinária da caçula (BRANDÃO, 2007, p. 210).

Muitos humanos começaram a realizar verdadeiros cultos em homenagem a Psique que, até então, só eram feitos em homenagem a deusa Afrodite. A deusa fica extremamente irritada com a situação e convoca seu filho Eros para lançar uma maldição que fizesse com que Psique se apaixonasse pelo homem mais horrendo da cidade.

O pai de Psique começa, a temer a ira dos deuses, e leva a filha ao Oráculo de Apolo em Mileto. O Oráculo responde que o rei deveria conduzir a moça até o alto de um rochedo onde um monstro terrível se uniria a ela. O rei não acreditava que deveria levar sua filha a um destino tão cruel, contudo acata a decisão do Oráculo. Já no rochedo Eros aparece para lançar a maldição contra Psique, mas se fere acidentalmente com uma de suas flechas, e se apaixona por Psique. Ele ordena, então, a Zéfiro (deus do vento) que leve Psique a um vale florido ao sopé da montanha. Psique percebe que esta num lindo palácio cercado por ouro e diamantes, com súditos que atendiam a todo e qualquer pedido da moça. Ao anoitecer Eros faz Psique sua esposa, e desaparece antes que ela pudesse vê-lo. Isso se repete durante várias noites, e o deus nunca mostrava seu rosto.

Psique começou a sentir-se muito sozinha, e em uma das noites, pediu ao marido que trouxesse as suas irmãs para passar um dia com ela. Um pouco contrariado, Eros, diante da tristeza da esposa acaba por acatar seu pedido. Não deixa de advertir, no

entanto que jamais poderia mostrar seu semblante e que deveria tomar cuidado com as palavras de suas irmãs.

Passado um tempo, Zéfiro traz as duas irmãs de Psique para passar uma tarde no palácio com ela. No começo a felicidade toma conta tanto de Psique como das irmãs. Todavia vendo que Psique levava uma vida de deusa, as irmãs começam a serem tomadas pela inveja. Interrogam Psique a respeito de seu marido, e instigam a moça a realizar uma tentativa de ver o rosto do amante.

Naquela noite, Eros mais uma vez alerta a esposa:

Não vês o perigo que de longe te ameaça? Se não procederes com máxima cautela, o destino se abaterá sobre ti. As bruxas traiçoeiras esforçam-se por te armar uma cilada e a pior armadilha é persuadir-te a contemplar meu rosto. Já te adverti muitas vezes de que nunca mais o veras, se o contemplares uma única vez [...] Dentro em breve teremos um filho. Ainda uma menina, darás a luz uma criança. Se guardares nosso segredo, ela será um deus; se o propalares, será tão-somente um ser mortal. (BRANDÃO, 2007 p. 212).

Contudo as irmãs de Psique já haviam deixado Psique curiosa, a respeito do rosto de seu marido. Resolve, então, fazer uma investida contra o marido. Naquela noite enquanto Eros dormia tranquilamente, Psique com uma lamparina se aproxima do rosto do marido. Nesse momento, Psique “viu a mais delicada, a mais bela de todas as feras” (BRANDÃO, 2007 p. 213). Ao ver tamanha beleza, Psique vacilou e acabou por deixar cair uma gota de óleo da lamparina fazendo com que o deus despertasse.

Quantas vezes não te admoestei acerca do perigo iminente, quantas vezes não te repreendi delicadamente. Tuas ilustres conselheiras serão castigadas em breve, por suas pérfidas lições; quanto a ti, teu castigo será minha ausência (BRANDÃO, 2007, p. 214).

Psique volta a terra, carregando consigo uma grande tristeza e uma grande culpa. Em uma tentativa de suicídio, a princesa se lança a correnteza de um rio, contudo é salva pelo deus Pã. O deus que era muito sábio convence Psique a lutar pelo amor de Eros. Enquanto isso, as irmãs de Psique foram até o rochedo na qual Psique e Eros haviam se encontrado e invocaram o deus Eros, pedindo para que ele se casasse com alguma delas. O deus do vento, Zéfiro, com uma rajada de vento, joga as duas irmãs montanhas abaixo, fazendo com que as moças viessem a morrer.

Psique resolve pedir ajuda a sua maior inimiga: Afrodite. Caminha ao palácio da deusa como última tentativa de unir-se novamente com Eros. Afrodite tinha uma imensa inveja da beleza de Psique, e faria qualquer coisa para vê-la morta. Mas afirma que vai ajudar a moça, se ela realizar quatro tarefas. O que Psique não sabia é que Afrodite planejava criar quatro desafios impossíveis de serem realizados, e que facilmente poderiam levá-la à morte.

Na primeira delas, Psique foi colocada em um celeiro repleto de diversos tipos de grãos, como milho, lentilha e sementes de papoula. O objetivo do desafio era que Psique os separasse por espécie até o amanhecer, ou seja, de um lado deveriam estar todos os grãos de lentilha, do outro todos os grãos de milho e assim por diante. A princesa começa o desafio, e percebe que seria impossível realizar tamanha tarefa em tão pouco tempo. No entanto, uma formiguinha que passava por ali ficou tocada com o desespero da moça e resolveu chamar suas companheiras para auxiliar na separação de grãos. Com o amanhecer todos os grãos estavam separados conforme o pedido de Afrodite. A deusa ficou raivosa, todavia lembrou que aquele era apenas o primeiro desafio, e que os outros seriam muito mais complicados e perigosos.

Na manhã seguinte Psique foi convocada para a realização do segundo desafio. Ela foi levada a um pasto repleto de carneiros raivosos, cuja lã em seus corpos era de ouro. O desafio de Psique era retirar uma grande quantidade de lã desses carneiros e entregá-la a Afrodite. Psique novamente se desespera, pois se ela se aproximasse demais dos carneiros, com certeza eles a atacariam. No entanto ela ouve uma voz vinda de um caniço verde, que explicou para a moça que o melhor a se fazer era esperar que os carneiros adormecessem. E assim a moça procede, e ao entardecer os carneiros começam a se deitar abrindo espaço para que Psique pudesse recolher a lã. No dia seguinte, Psique entrega a Afrodite uma incrível quantidade de lã dourada, provinda dos carneiros.

O terceiro trabalho era até esse momento o mais perigoso. Psique deveria buscar um tipo de água mágica que se localizava no alto de um rochedo guardado por dois dragões. As lágrimas da moça começam a cair, pois ela percebeu que seria impossível escalar tal rochedo. Entretanto, uma águia voa até o alto do rochedo e recolhe um pouco da água que ali jorrava e a entrega para Psique.

Afrodite, então, dispara contra Psique a última e mais cruel tarefa. Ela deveria descer até o mundo dos mortos e pedir para Perséfone lhe entregasse uma caixinha

contendo um pouco de “beleza imortal”. “Foi então que Psique compreendeu que, na realidade, seu fim estava próximo. Não havia mais enigmas: enviavam-na, claramente a própria morte” (BRANDÃO, 2007 p. 217).

Psique então sobe até o alto de uma torre para tentar se matar, achando que dessa forma poderia chegar mais rápido ao mundo dos mortos. A torre, no entanto explica para Psique que existia um meio mais fácil e rápido de chegar ao mundo dos mortos. Ela conta o caminho, e algumas precauções que Psique deveria tomar como, por exemplo, entregar uma moeda a Caronte para a travessia do rio Aqueronte, ou entregar um bolo de cevada e mel para apaziguar o cão Cérbero.

Psique segue ao mundo dos mortos, e consegue passar por todas as armadilhas. Chegando a Perséfone, avisa a deusa que estava ali por mando de Afrodite, e que veio solicitar uma caixinha com “beleza imortal”. A deusa atende ao pedido da moça, contudo alerta que ela jamais poderia olhar o que havia dentro da caixinha, pois aquela caixinha continha uma beleza que só poderia ser admirada por um deus. Assim Psique segue o seu caminho de volta ao seu mundo. Porém no retorno é tomada por uma incrível curiosidade. “Sou mesmo uma tola, disse de si para si. Trago comigo a beleza divina e até agora não peguei um pouquinho para mim, a fim de conquistar meu lindíssimo amante. Assim dizendo, abriu a caixinha” (BRANDÃO, 2007 pág. 218).

Um sono estígio tomou conta da moça, fazendo com que ela caísse e ficasse imóvel. Eros que estava morrendo de saudades de Psique parte ao mundo dos mortos para tentar salvar a esposa. Chegando lá, ele consegue colocar o sono de volta a caixinha, e com um leve toque na face da Psique faz com que a moça desperte novamente.

Temendo a ira de Afrodite, Eros dirige-se diretamente a Zeus pedindo para que o deus advogasse a causa. Zeus convoca uma assembleia com a participação de todos os deuses, para que o caso pudesse ser julgado.

Deuses cujos nomes estão inscritos no arquivo das musas todos vós conheceis muito bem, assim penso, este jovem que eu próprio eduquei. Julgo ser conveniente refrear de uma vez por todas as desregradas paixões de sua juventude. Chega de ouvir falar em seus escândalos diários no mundo inteiro, mercê de seus galanteios e devassidões. Chegou o momento de tirar-lhe qualquer oportunidade de praticar a luxúria. Cumpra aprisionar-lhe o temperamento lascivo da meninice nos laços do himeneu. Ele escolheu uma donzela e roubou-lhe a virgindade. Que ele a possua, que ela o conserve para sempre,

que ele goze de seu amor e tenha Psique em seus braços por toda eternidade (BRANDÃO, 2007 p.219).

Eros e Psique enfim conseguem ficar juntos, e da união dos dois nasce uma menina chamada Volúpia, que significa prazer sensitivo, intensivo e refinado.

Como todo mito grego, “*Eros e Psique*” apresenta uma diversidade de ideias importantes para entendermos o funcionamento humano. Notamos primeiramente que apesar de se tratar da história que faz referência a deuses, conseguimos enxergar diversas características humanas, como o amor, curiosidade, inveja etc. Assim, ao analisarmos o mito de Eros e Psique estamos também analisando a complexidade humana.

A história de Psique e Eros começa quando ela é levada ao rochedo para ser morta. Nesse momento parece que temos uma desavença; como a morte pode se transformar em amor? “Na verdade, a donzela realmente morre no dia de suas bodas: uma etapa de sua vida se extingue e ela morre para muitos aspectos femininos que vivera até então. Em certo sentido, o casamento representa um funeral para ela” (JOHNSON, 2009, p.30).

Através da citação de Johnson, podemos afirmar que entrar em um relacionamento amoroso é como viver uma nova vida, muito diferente daquela que vivíamos sozinhos. Quando é dito que o amor é, para nós, como uma morte, significa que deixamos de ser o que éramos para construirmos um novo eu. Isso acontece, pois em um relacionamento não temos apenas um EU, mas temos um TU integrado. Johnson coloca essa morte apenas para as mulheres, todavia podemos estender tal acontecimento para o homem também. Quando o autor fala que através do casamento a mulher perde alguns aspectos femininos, podemos afirmar que o homem também perde alguns aspectos masculinos.

Retomando: quando Psique é levada ao rochedo para a morte, podemos supor que isso indica que a vida que ela levava anteriormente iria mudar drasticamente, sendo que nesse momento ela viverá uma vida ao lado de Eros, seu amante. Ou seja, com a chegada do amor, tudo se torna novo e pouco do que vivemos no passado ajuda-nos a compreendê-lo. Carregado de surpresas e incertezas, o amor nos faz sentir vivos e, portanto, querer continuar vivendo a sua dinâmica – correspondente ao amor. Contudo, esse estado de surpresa nem sempre vem acompanhado de idealizações positivas, pois

uma das surpresas que pode ocorrer é o término da relação. Por isso, segundo Carotenuto (2005) a surpresa em um relacionamento vem acompanhada de esperança e morte.

Outro aspecto importante para se levantar é o contato que Psique tem com o seu animus no momento em que vê Eros. Psique não conseguia se relacionar com nenhum homem, e apesar de ser muito bela, via suas irmãs se casarem enquanto ela ficava sozinha. Podemos afirmar que Psique ainda não tinha entrado em contato com seu animus. Quando é levada ao rochedo, entendemos que finalmente uma parte masculina que estava em seu interior pode aparecer na consciência.

Quando uma mulher acende a lâmpada da consciência vê o animus, e o vê bem, independente de seu ego. Assim como Psique, geralmente ela se apavora, pois ele parece-lhe tão poderoso e divino, enquanto ela, por comparação, vê seu self consciente completamente inútil e frágil (JOHNSON, 2009, p.69).

Ao chegar ao palácio de Eros, Psique encontra diversos servos, e fica encantada com a beleza do palácio. Nesse momento, Psique não questiona Eros, nem o lugar onde está, nem a vida que está vivendo. Podemos afirmar que Psique está vivendo o estágio da paixão, na qual o sujeito enamorado é um verdadeiro deus, e a relação parece ser perfeita. Um elemento que demonstra isso simbolicamente é palácio de Eros, que apresenta uma grande beleza, e possui servos que faziam tudo o que Psique desejava. Isso pode ser entendido como a paixão representando algo perfeito e sem erros, na qual nada é questionado. Os servos também podem representar a paixão, pois ela provoca em nós um sentimento de que tudo que queríamos foi resolvido, e a vida nos deu tudo aquilo que desejávamos. Contudo com a chegada das irmãs, Psique começa a questionar o seu marido. As irmãs podem representar, portanto, a retirada das projeções e consequentemente a chegada do amor. Com a chegada das irmãs o palácio começa a não trazer tanta felicidade assim, os servos não são mais mencionados, e o enamorado começa a apresentar defeitos que antes não eram vistos. Assim podemos hipotetizar que a paixão começou a se esvaír, e o sentimento que começa a vir à tona é a desilusão, que pode ser encarada como a entrada para o amor. Entendendo melhor, no começo a história de Psique e Eros se assemelhava a um conto de fada, onde tudo era perfeito e nada de errado acontecia. Todavia o tempo começa a passar e a relação dos dois começa a ganhar intimidade, levando a desavenças e problemas na relação. Portanto temos no

começo da relação do casal, o que chamamos de paixão, e com o tempo essa paixão se transforma em amor.

Com essa relação mais íntima os defeitos dos enamorados começam a aparecer, e é justamente a curiosidade de Psique que leva ao breve término da relação. Entretanto não podemos falar em amor apenas como algo que separa casais, mas ele também traz a união do mesmo. Um casal que supera os defeitos do outro para poderem continuar juntos, provavelmente é um casal que se ama. E assim decorre a história de Psique e Eros. Observamos Psique tentando superar os defeitos de Eros (que no caso poderia ser sua mãe, Afrodite) enquanto que Eros tenta superar a curiosidade exacerbada de Psique.

Quando falamos nos defeitos de Eros relacionado com sua mãe Afrodite, falamos em um conceito muito importante da psicologia analítica; o complexo materno. Os complexos são estruturas que se formam no inconsciente pessoal, que podem acabar criando força caso esse conteúdo não seja trabalhado pela consciência. Um complexo com uma força considerável pode em certo momento invadir a consciência, fazendo com que a pessoa perca o total controle sobre ela mesma, e criando muitas vezes uma segunda personalidade. Isso acontece, pois o complexo vem para a consciência e toma o lugar do ego - que é o único complexo consciente. Segundo Jung (2004)

Um complexo é um aglomerado de associações – espécie de quadro de natureza psicológica mais ou menos complicada – às vezes de caráter traumático, outras, apenas doloroso e altamente acentuado (JUNG, 2004, par 148 p.66).

Um complexo que pode se formar na inconsciência de uma pessoa é o complexo materno. O complexo materno pode se constituir através de uma experiência boa ou ruim com o materno. Lembrando que quando falamos em materno, não queremos falar somente da figura da mãe, mas sim da pessoa que tem a característica materna, que pode ser tanto a mãe, quanto a tia ou o próprio pai. Essas experiências podem acontecer por exemplo através de uma não valorização da mãe, que pode levar a criança a sentir falta desse apoio materno. Também podemos analisar uma experiência positiva demais com a mãe, podendo levar a criança a ficar dependente demais a tal pessoa. Ao nascer a criança ainda não tem uma noção fechada de “EU”, por isso nessa fase da vida acontece o que Jung chamou de participação mística. Nesse caso a mãe representa uma continuação da criança, e por isso a criança não reconhece a si mesmo, sem a presença da mãe. Com o passar do tempo, a criança começa a separar ela mesma da mãe, mas

ainda continua dependente. Já na puberdade, a figura da mãe vai ser substituída pela figura de um parceiro amoroso. É nesse momento que notamos o animus ou anima do sujeito em questão.

Ao analisarmos Eros, observamos que no começo da narrativa, esse ainda estava preso a Afrodite. Eros realizava todos os desejos e anseios de sua mãe, e um deles seria lançar uma flecha em Psique. Contudo Eros acaba se ferindo com a flecha, e esse momento simboliza a virada na vida de Eros.

Um homem que vive sempre evitando encontros de cunho emocional com outras pessoas é dominado pela mãe. Uma das formas de ele se libertar de seu complexo de mãe consiste em expressar-se através de um relacionamento. Se não conseguir fazer isto, permanecerá sempre um meninzinho que tem medo de mulheres, que fica sentindo com elas se não o fazem feliz, e que se acha desligado de sua própria força masculina (SANFORD, 2006, p.52).

Agora ele começa a deixar a mãe um pouco de lado, e vai se relacionar com uma parceira amorosa. A flecha simboliza então essa virada na vida de Eros, virada que é muito importante para a alma masculina, pois nesse momento o sujeito começa a criar independência na vida. Essa independência se mostra evidente ao Eros desobedecer à sua mãe, e levar Psique ao seu castelo. Contudo esse processo não acaba aí, Eros ainda tem que sofrer muito para aprender a viver uma vida independente. Esse sofrimento é simbolizado pela ferida causada pela gota de óleo fervente que Psique derruba sobre ele. Segundo Johnson (2009) isso ilustra muito bem a vida de um adolescente contemporâneo, que ao tentar sair do ninho materno, se frustra diversas vezes, e encontra várias dificuldades as quais deve enfrentar para que possa crescer como indivíduo, e assim possa caminhar cada vez mais ao caminho do si mesmo.

Não podemos afirmar, portanto que o amor é perfeito, pois na verdade ele é justamente o contrário disso. Dessa forma, a relação direta do mito, e seus personagens, com a dimensão do amor referenciada aqui, é: tal como a penosa trajetória de Psique pela busca do reencontro de Eros, o amor é uma construção, uma edificação onde os alicerces devem se firmar na terra, para assim sustentar o que virá. Em outras palavras, o amor é uma construção e não uma contemplação a algo dado. No mito isso se mostra evidente nas passagens em que Psique deve realizar as tarefas propostas por Afrodite, pois ela luta para que seu amado volte, e essa luta não se mostra fácil. Assim como Psique, Eros também luta por esse amor, ao salvar Psique do mundo de Hades, ele prova seu amor a ela. “É preciso amar um ser para correr o risco de sofrer por ele. É

preciso amar-te muito para permanecer o risco de sofrer-te” (YOURCENAR apud. CAROTENUTO, 1994, p. 91).

Já nos dias de hoje, segundo Coleta et al (2008), vivemos em um mundo cada vez mais individualista, no qual podemos realizar tarefas sem sair de casa, e mesmo assim o fenômeno amoroso continua a ter grande importância na vida das pessoas. Por exemplo, o avanço da internet tenta “facilitar” tanto nossa vida que criou sites de relacionamentos, nas quais o “primeiro encontro” acontece on-line, para mais tarde poder acontecer ao vivo. O relacionamento amoroso que antes era contado em mitos, hoje aparece na tecnologia humana. Assim, seguindo a linha do pensamento junguiano, observa-se que o ser humano tem uma necessidade básica de se relacionar sendo esse relacionamento amoroso ou não, seja ao vivo, seja por internet, ou por qualquer outro meio. Entendemos assim que o amor e paixão consomem muito da atenção das pessoas, e que muitos não conseguem levar uma vida saudável pelo simples fato de não terem um relacionamento.

Outro tema que é muito discutido acerca da dinâmica amorosa, é a questão do amor e do poder. No livro “*Psicologia do Inconsciente*” Jung (1987a) analisou duas teorias acerca da neurose; a teoria de Freud e a teoria de Adler. Jung observa que Freud apresenta uma teoria extremamente focada em um objeto externo (a mãe ou o pai), ou seja, Freud vê seus pacientes na dependência de um objeto externo, assim Jung chama a teoria freudiana de Teoria de Eros. No ponto de vista oposto a Freud, temos Adler que foca sua teoria no sujeito em si (criando a psicologia individual), portanto ele mostra a superioridade do sujeito sobre o objeto como forma de poder, o que leva Jung a afirmar que a teoria Adleriana pode se chamar Teoria do Poder. Jung afirma:

Como as duas teorias descritas nos capítulos anteriores são inconciliáveis, é preciso encontrar um ponto de vista acima delas, em que a unificação seja possível. Não podemos condenar uma simplesmente para favorecer a outra, por mais cômodo que seja essa solução; porque, quando as duas teorias são examinadas sem parcialidade, não se pode negar que ambas contem verdades fundamentais. Por mais contraditórias que sejam, uma não exclui a outra (JUNG, 1987a, par. 57 p. 33).

Portanto pode-se afirmar que nenhuma teoria estava errada, mas sim que, de acordo com Jung, tratava-se de dois tipos de sujeitos diferentes. Freud podia ser chamado de extrovertido no sentido que seu foco acontece com o externo, assim Adler

constitui uma personalidade introvertida, pois tem seu foco no sujeito em si. A partir dessa premissa Jung cria a teoria dos Tipos Psicológicos.

A discussão sobre poder, no contexto do amor é relevante considerando que Jung ainda afirma que o oposto do *amor* (Eros) é o *poder*, ou seja, se o amor está presente na nossa consciência, o poder estará presente no inconsciente e vice-versa. Quando falamos em amor aqui, estamos falando em abrir mão de alguns desejos para que possamos entender e aceitar o outro.

Significa aceitar a responsabilidade por nossa própria felicidade ou infelicidade, sem esperar que a outra pessoa nos faça felizes e sem censurá-la como se fosse responsável pelas nossas más disposições ou frustrações. Naturalmente, isso torna o relacionamento real um problema difícil, em favor do qual devemos trabalhar; mas, felizmente, as compensações existem, porque somente através desse caminho nossa capacidade de amar amadurece (SANFORD, 2006, p. 30).

Já a vontade de poder aparece como uma espécie de voz interna que está a nos gritar, porém nossa cultura não a deixa se manifestar. A vontade de poder que habita em nós é inata e inesgotável e tem como objetivo satisfazer nossas vontades, acumular poder e deixar fluir os nossos verdadeiros desejos. Ela pode ser considerada como oposto do amor, pois quando amamos prezamos o bem-estar do outro. Já no caso do poder prezamos muito mais a nós mesmo, é a nossa própria vontade e não a do outro. Portanto uma relação amorosa sadia deve manter um balanceamento dessas duas instâncias, porém nunca deixar uma delas se desgarrar totalmente da outra. Numa relação devemos entender o outro como uma pessoa diferente e tentar compreendê-lo na medida do possível, mas nunca deixando nosso total interesse de lado. Quando falamos no dinamismo de opostos, seja ele em um relacionamento amoroso, ou em qualquer aspecto da vida entramos no conceito que Jung chamou de *mecanismo de auto-regulação*. Esse mecanismo não permite que conteúdos conscientes se afastem de conteúdos inconscientes e vice-versa. Ou seja, utilizando o exemplo de Eros e Poder, se sou uma pessoa que me doo em um relacionamento, e que considero meu parceiro acima de tudo, ou seja, se tenho Eros na consciência, o mecanismo de regulação vai fazer com que esse Eros não se desgarre totalmente. Para isso conteúdos como sonhos e fantasias podem chegar à consciência simbolizando o poder, e dessa forma posso manter um movimento da psique. Quando ocorre uma tensão entre opostos, podemos afirmar que está ocorrendo uma neurose. Dessa forma a auto-regulação trabalha para

que nenhum conteúdo psíquico se desgarre totalmente. O mecanismo atua em conjunto com os símbolos, pois conteúdos inconscientes chegam à consciência através de símbolos. Se o ego permite a chegada desses símbolos e eles são agregados, ocorre a ampliação da consciência, e dessa forma o crescimento de um indivíduo.

Assim essa luta pelo balanceamento entre o poder e o amor gera no casal um crescimento psíquico que deve ser considerado. Segundo Carotenuto (1994) um casal provavelmente vai apresentar desavenças, por isso a aceitação dessas, provoca o crescimento. Uma relação amorosa consiste em lançarmos mão de alguns desejos nossos para que os desejos do outro sejam concretizados logicamente isso não é uma tarefa fácil de ser atingida, todavia é um meio para o crescimento da relação. Podemos afirmar que talvez a principal função do fenômeno amoroso, é promover o crescimento tanto individual dos membros enamorados, quanto da relação em si.

As mudanças mais evidentes que constatamos num ser humano não dependem em geral de um crescimento intelectual seu, mas de uma experiência amorosa que forjou de maneira diferente a sua vida (CAROTENUTO, 1994, p. 83).

Concluindo, podemos perceber que o amor aparece de diversas formas e em todas as épocas. Aparece em mitos como o de Eros e Psique, passa por Shakespeare, e chega até os dias de hoje. Percebemos algumas mudanças a respeito da dinâmica do amor, contudo notamos que ele está sempre presente em suas diversas formas. É visto por alguns como algo negativo, como algo que cega as pessoas e tira o controle de si mesmo. Por outros é visto como positivo, como a experiência máxima do ser humano. Ou seja, por se tratar de algo arquetípico, falar de amor mexe com as pessoas, causa dúvidas, emoções, raiva, alegria etc. Talvez por isso o tema seja tão comentado, e tão respeitado por povos e culturas.

Nesse capítulo, vimos como o amor atua na vida das pessoas, e como ele é importante para a constituição do ser humano. No próximo capítulo, iremos discutir algo que á primeira vista parece ser o contrário do amor, mas com algumas definições perceberemos que andam juntos. A solidão é outra instância que acompanha o ser humano desde épocas mitológicas, contudo não é tão aclamada como o amor. Para entender melhor isso, utilizaremos o mito de Artemis, como base para o entendimento da solidão.

4 A solidão e o mito de Artemis

Antes de iniciar um estudo sobre a solidão, é necessário distinguirmos solidão de isolamento. O isolamento consiste em não se relacionar com outras pessoas, não ter contatos sociais. A solidão pouco se assemelha com o isolamento no sentido, que podemos ser sozinhos, mas ter um contato social. Segundo Sponville “O isolamento, numa vida humana, é a exceção. A solidão é a regra” (SPONVILLE, 2006, p. 30). Ou seja, a palavra solidão, não estará relacionada com afastamentos sociais. Esclarecido isso podemos dar início a um estudo mais profundo acerca das vicissitudes da solidão. Primeiramente se realizará uma retomada do capítulo anterior, para então adentrar com o tema proposto nesse capítulo.

Histórias relacionadas a dinâmicas amorosas acompanham a sociedade, muitas delas se destacam na mídia. São casos de Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, e diversas outras. Mas será que podemos afirmar que essas histórias nos relatam apenas como o amor atua na sociedade? Será que Romeu e Julieta só viviam um com o outro, e em nenhum momento tinham uma vivência de solidão?

Segundo Storr (1996), “As gerações mais antigas não teriam atribuído valor tão alto aos relacionamentos humanos, acreditando, talvez, que a vida do dia a dia, as tarefas cotidianas nos forneceria tudo que poderíamos desejar” (STORR, 1996, p.17). Certo tempo atrás, a forma como nos relacionávamos era baseada nas crenças religiosas, que nos ensinavam como tratar o próximo seguindo a lei de Deus. Com a sociedade contemporânea as crenças religiosas começam a perder força e surge no lugar uma preocupação relacionada com o estar com o outro. Isso se mostra no discurso de Gellner, afirmando que o relacionamento pessoal tornou-se “a área da nossa mais primeira preocupação” (GELLNER apud STORR, 1996, p.18). Observamos que cada dia mais as pessoas têm medo de se sentirem sozinhas. Notamos tal questão até mesmo em casais que vivem o relacionamento tão intensamente, que acabam por tomar posse da vida do parceiro, esquecendo-se de sua própria. Dessa forma a individualidade de uma pessoa pode ser prejudicada, já que ela depende de um segundo para se adaptar ao mundo.

Jacoby (1991) em seu livro *Encontro Analítico*, compara o narcisismo com a transferência. O autor conta que a cada dia mais as pessoas apresentam personalidades narcísicas, ou seja, querem ser perfeitas e completas no que fazem. No entanto a

consumação dessa perfeição parte de uma aceitação do outro, ou seja, a pessoa só se entende como perfeita se o outro a define como perfeita em tal aspecto.

E assim mais e mais as pessoas se frustram, já que nem sempre é obtido um reconhecimento terceiro. Se no mundo inteiro ninguém está contente pelo fato de eu existir, não há ninguém que compreenda, aprecie e ame o que eu sou e o que eu faço, não há então praticamente nenhuma chance de que seja mantido um equilíbrio narcisista saudável, uma sensação realista de amor-próprio. Essa sensação básica de isolamento é, frequentemente a causa do sofrimento sintomático do distúrbio da personalidade narcisista extremada. Não há ninguém “ali” para fornecer o reflexo e a ressonância empática (JACOBY, 1991 p.48).

De fato observamos que grande parte das demandas de pacientes em psicoterapia está conectada com relacionamentos humanos, sejam eles com amigos, namorados ou pais. Segundo Storr (1996)

Estou menos convencido de que os relacionamentos pessoais internos sejam a única fonte de saúde e felicidade. Na atmosfera atual, existe o perigo de o amor estar sendo idealizado como o único caminho para a salvação (STORR, 1996, p.26).

Bowlby (apud STORR, 1996) dizia que a necessidade fundamental do homem é se relacionar, e desde a infância existe a necessidade de apego. Ele desenvolve um estudo que mostra um macaco jovem que deve escolher entre ficar com uma mãe que lhe daria segurança e outra que lhe daria comida. Nesse estudo são montados dois protótipos de macacas fêmeas; uma que tinha uma estrutura rígida e forte, passando certa segurança para o pequeno macaco, e outra que cedia certa quantidade de comida para o filhote. Diante disso o macaco era colocado em conflito, no qual tinha que escolher um dos protótipos. Os resultados mostraram que os macacos jovens sempre escolhiam a macaca que lhe dava segurança. Com isso se chega as seguintes hipóteses.

Primeiro salienta que é mais provável que os animais isolados sejam atacados por predadores do que animais que permaneciam junto em grupo [...] Terceiro que situação alarmantes invariavelmente fazem com que as pessoas procurem outras pessoas com quem possam compartilhar o perigo (STORR, 1996, p. 29)

Portanto a presença do outro na nossa vida é necessária, pois esta é uma forma de nos inserirmos no mundo. A relação que o bebê tem com a mãe é essencial para a formação de certa parte da identidade do bebê. E isso tem sua explicação, já que sem o

outro não entenderíamos o funcionamento da vida. É importante ter um terceiro que explique alguns mecanismos, meios e formas de lidar com o mundo. Contudo como vamos discutir neste capítulo, a vivência com o outro não isola a vivência com nós mesmos. Muitas vezes percebemos um foco na vida com o outro, quando acabamos esquecendo que na verdade mesmo quando estamos na presença do outro vivenciamos a solidão de nós mesmo.

Conforme visto na explicação acima, a criança necessita da presença dos pais, pois sem eles diversos problemas podem surgir. Além disso é importante deixar a criança entrar em contato com outras crianças, pois a interação criança-mãe não é a única que precisa ser trabalhada. Muitas vezes é importante deixar a criança vivenciar certas situações, como por exemplo, sua agressividade, ou assuntos relacionados à sua sexualidade.

No entanto, já que consideramos desejável estimular o desenvolvimento da capacidade imaginativa da criança, deveríamos garantir aos nossos filhos, quando estes já estiverem idade suficiente para isso, o tempo e a oportunidade de se isolarem (STORR, 1996, p. 38).

Assim entendemos que a capacidade que a criança tem de formar vínculos com adultos ou com outras crianças é de suma importância para o seu desenvolvimento. Contudo momentos de solidão não devem ser encarados como um problema da criança, pois são em momentos como esses que algumas crianças entendem conteúdos acerca de si mesmas e conteúdos que dizem respeito ao mundo em que elas estão inseridas. Diante disso podemos retornar a Bowlby. Ele relata que no começo da relação o vínculo mãe-bebê é muito forte e qualquer separação pode levar a circunstâncias catastróficas. Contudo com o amadurecimento da relação e do bebê, essas pequenas separações começam a ser normais, e cada vez mais a criança começa a se acostumar com a ausência da mãe. Logicamente deve haver uma confiança na mãe, mostrando que ela pode manter-se ausente por um tempo, mas que terá um retorno breve.

É de forma geral reconhecido que o comportamento exagerado indica insegurança. A criança que não quer deixar a mãe se afastar, nem por curtos períodos, é a criança que não tem confiança de que a mãe voltará. Inversamente, a criança que desenvolveu confiança na disponibilidade das figuras de apego é aquela capaz de passar pela experiência de cada vez mais ser deixada sozinha por essas pessoas sem ficar ansiosa (STORR, 1996, p.40).

Segundo Montaigne (1961) o ser humano está cada vez mais preocupado com problemas do outro, e deixando de olhar para si próprio. “Não nascemos para nossa própria satisfação, e sim para a de todos (MONTAIGNE, 1961, p.284). Ou seja, o que acontece muitas vezes é um olhar para o problema do outro, contudo não observar o seu próprio. Podemos fazer um paralelo com o conceito de projeção apresentado no primeiro capítulo. Vimos que quando projetamos lançamos ao outro, assuntos que dizem respeito a nós mesmos. Vimos também que a percepção dessa projeção causa um crescimento no sujeito, fazendo com que ele entre em contato com conteúdos que até então eram inconscientes. Entretanto quando a percepção desses conteúdos não acontece o sujeito não se desenvolve, e as projeções continuam a acontecer, mas dessa vez sem resultados benéficos. Nesse caso as projeções apresentam uma via única, ou seja, elas são lançadas ao outro, contudo não apresentam o caminho de volta que proporcionaria o crescimento individual. Assim se um sujeito vive a sua vida baseado na do outro, as projeções dificilmente fazem sentido para ele, pois sua visão de si é pobre. Nesse momento podemos afirmar que falta para essa pessoa um pouco de solidão, para que ela veja que aqueles conteúdos também dizem respeito a ela, e dessa forma, a projeção possa ter um sentido. Os conteúdos são lançados ao outro, contudo permanecem inconscientes em mim. É necessário que eu entre em contato com o meu eu, e veja que aquilo também diz da minha personalidade, ou melhor, que também possuo aspectos sombrios.

Isso nos leva a outro conceito importante para a psicologia analítica; a sombra.

A sombra constitui um problema de ordem moral que desafia a personalidade do eu como um todo, pois ninguém é capaz de tomar consciência desta realidade sem dispendar energias morais. Mas nessa tomada de consciência da sombra trata-se de reconhecer os aspectos obscuros da personalidade, tais como existem na realidade. Este ato é a base indispensável para qualquer tipo de autoconhecimento e, por isso, via de regra, ele se defronta com considerável resistência. Enquanto, por um lado, o autoconhecimento é um expediente terapêutico, por outro lado implica muitas vezes um trabalho árduo que pode se estender por um largo espaço de tempo (JUNG, 2000a, par 14, p. 6).

A sombra representa tudo àquilo que uma pessoa é, contudo não aceita. Isso ocorre, pois existem conteúdos que não condizem com a personalidade consciente, assim esses conteúdos são reprimidos pelo ego, e são deixados na inconsciência. Uma forma de uma pessoa se desenvolver é através do conhecimento de certos conteúdos que

estão localizados na sombra. Contudo isso representa uma tarefa árdua, já que o sujeito deve trabalhar com conteúdos que, em primeiro caso, não faziam parte da sua consciência. Uma das formas de chegar a eles é através do autoconhecimento. Realizar uma terapia é fazer com que o paciente tenha um maior autoconhecimento sobre si mesmo. Uma das funções do terapeuta é auxiliar o paciente a buscar conteúdos sombrios dentro dele, e dessa forma começar a se conhecer melhor. Podemos afirmar, portanto, que o terapeuta trabalha em conjunto com a solidão do paciente.

Assim entendemos que uma forma de entrarmos em contato com essa parte obscura é através da solidão. É preciso estar em contato consigo mesmo, para que assim se possa entender tanto o lado benéfico quanto o lado maléfico de nós mesmos. Aceitar-se como um ser único, é aceitar grande parte de seus conteúdos e não necessitar do outro para que eles possam ser uma verdade para o sujeito. Segundo Montaigne (1961), isso se mostra cada vez mais escasso. “Como se não tivéssemos bastantes aborrecimentos, acrescentamos aos nossos os dos nossos vizinhos e amigos! Como pode um homem pretender amar mais a alguma coisa do que a si mesmo (MONTAIGNE, 1961, p.288)”.

Segundo Comte Sponville (2006), “Ser só é ser si mesmo, sem recurso, e é a verdade da existência humana. Como poderíamos ser outro? Como alguém poderia nos descarregar desse peso de ser si mesmo? O homem nasce só, vive só, morre só” (SPONVILLE, 2006 p. 29). Tanto a frase de Montaigne quanto a de Sponville dizem verdades absolutas, pois é impossível para uma pessoa ser o outro ou viver o outro. O peso de sermos nós mesmos já é muito grande, querer levar a vida do outro nas costas constitui uma tarefa árdua, já temos o peso da nossa própria existência. “Assim a solidão não é a rejeição do outro, ao contrário: aceitar o outro é aceitá-lo como outro (SPONVILLE, 2006, p.30). Quando falamos em crescimento de um casal, também falamos em solidão, pois o crescimento só pode ocorrer se entrarmos em contato com nós mesmos. Em outras palavras quando notamos um defeito no parceiro, aquele defeito só fará sentido, se o reconhecer em mim. Assim ter um parceiro não basta para ter um crescimento pessoal, é necessário um contato comigo mesmo, é necessário um pouco de solidão.

Na história vemos que muitos homens que chegaram muito perto de compreender a essência humana, viveram e morreram sozinhos.

Embora relatos variem, diz-se que a iluminação que finalmente desceu sobre o Buda enquanto ele meditava debaixo de uma árvore as

margens do rio Nairanjana foi o clímax de longa reflexão sobre a condição humana. Jesus, segundo são Mateus e são Lucas, passou quarenta dias no deserto sendo submetido à tentação pelo demônio antes de voltar para proclamar sua mensagem de arrependimento e salvação. Todos os anos durante o Ramadã, Maomé se retirava do mundo e ia à caverna de Hera. Santa Catarina de Sena passou três anos em isolamento no seu pequeno quarto na Via Benincasa, durante os quais viveu uma série de experiências místicas antes de ingressar em uma vida ativa e ensino e pregação (STORR, 1996 p. 60).

Entendemos assim que a solidão parece estar presente na dinâmica humana, e parece ser necessária para o desenvolvimento. Grandes pensadores passaram momentos sozinhos para compreenderem melhor sua existência. E talvez compreendendo sua existência eles entenderam melhor o coletivo que os cercava.

Como visto no capítulo anterior, se partirmos do pressuposto da psicologia analítica, ou seja, uma psicologia dos opostos, afirma-se que o oposto do amor é o poder. Portanto quando formos falar de solidão não estamos falando do oposto de amor, mas sim de uma instância que o acompanha. Rilke descreve o amor como “Duas solidões que se protegem, que se complementam, que se limitam e que se inclinam uma diante da outra” (RILKE apud SPONVILLE, 2006 p. 30). Assim, não podemos excluir o amor da vida de ninguém, mas ao mesmo tempo não podemos excluir a solidão. No livro *Memórias Sonhos e Reflexões*, Jung (2006) conta a história de sua vida, e em uma passagem, conta como que apesar de estar casado com Emma Jung se refugiava sozinho para estudar, refletir e tentar vivenciar o seu próprio eu. Falando em outras palavras; Jung tinha o seu relacionamento amoroso, porém preferia em alguns momentos se refugiar em uma torre isolada para que assim pudesse entrar em contato com seu eu. Segundo Storr (1996) “A capacidade de ficar sozinho passa então a estar ligada à descoberta e à realização de si, a conscientização dos nossos mais profundos sentimentos, impulsos e necessidades” (STORR, 1996, p. 43).

Entendido o conceito de solidão, podemos afirmar que assim como o amor, a solidão é arquetípica, já que se manifesta em todas as culturas e sociedades. Aparece na história do cristianismo, budismo, filosofia etc. E claramente aparece nos dias de hoje. Nos gregos podemos identificar a solidão no mito de Artemis.

Artemis faz parte da chamada segunda geração olímpica, já que é filha de Zeus (deus da primeira geração) com Leto (deusa da noite). Portanto através da união entre um deus de princípio solar com a deusa da noite nasceram Artemis e Apolo. O mito de nascimento da deusa conta que a esposa de Zeus, Hera, fica possessa ao saber que Zeus

a tinha traído com Leto. Como vingança decide segurar sua filha Ilítia (deusa relacionada ao parto) no Olimpo, de forma que ela não ajudasse no parto de Artemis e Apolo. Além disso, Hera não deixa que Leto tivesse seus filhos em terra firme. Todavia Leto encontra Astéria, uma ilha flutuante que não pertencia à terra firme. Leto consegue então realizar o parto de Artemis de forma simples e sem dor. Contudo o parto de Apolo estava complicado e a presença da deusa Ilítia era necessária. Durante todo esse drama vivido por Leto, Artemis, estava ao seu lado ajudando na melhor forma possível a mãe. Alguns deuses ficam tocados com o desespero de Leto e conseguem convencer Hera a liberar Ilítia, fazendo assim com que a deusa parteira pudesse partir ao encontro de Leto. O parto de Apolo é então realizado com sucesso.

Nesse momento tanto Artemis quanto Apolo são apresentados ao Olimpo como deuses.

Artemis aos três anos de idade foi levada ao Olimpo por Leto para ser apresentada a sua família. Recebida por seu pai, Zeus, o qual ficou encantado com sua precocidade e determinação, teve todos os seus pedidos concedidos: a virgindade eterna, tantos nomes quanto do seu irmão, arco e flecha igual ao dele, a graça de originar a luz, uma túnica de caça de açafão, ninfas – todas da mesma idade para serem companheiras e cuidarem de suas botas e vestes – cães e instrumentos de caça, todas as montanhas do mundo, e uma cidade qualquer onde deveria ser honrada e receber sacrifícios (GRAVES apud ALVARENGA et al, 2007, p. 238).

A deusa Artemis representa o feminino autônomo, no sentido que repele qualquer força masculina invasora, contudo é submetida ao pai seguindo, portanto, ordens patriarcais. Enquanto que seu irmão Apolo pune aqueles que não respeitam a lei e a cultura, Artemis cuida da parte dos instintos e da natureza. Uma deusa virgem pode representar a unicidade, já que nunca vai depender do outro. Nesse caso a virgindade pode simbolizar a solidão, pois Artemis depende somente de si mesma. Outro ponto importante é analisar a sua túnica curta. A túnica permite que Artemis vá ao lugar que bem entender, podendo entrar em lugares mais profundos da floresta, e tendo, portanto uma liberdade maior. O arco e flecha como um instrumento rápido e certo, simbolizam como a deusa chega a seus objetivos e metas, ou seja, de forma rápida e certa, sem se atrapalhar com coisas no caminho.

Todos esses aspectos acima podem ser atingidos pela solidão. Assim a solidão permite que olhemos mais para nós mesmos, e dessa forma não necessitamos da ajuda do outro. Podemos ser livres e independentes, e com isso criamos objetivos que

concernem a nós mesmos. Dessa forma Artemis consegue entrar em contato com sua natureza interna, talvez por essa razão ela seja conhecida como deusa da natureza. A ausência do outro é, portanto, fenômeno necessário para o crescimento de uma pessoa. E quando dizemos ausência, não significa que não temos relacionamento algum, mas sim que em alguns momentos estamos em contato somente conosco mesmos, não necessitando de um terceiro para que tal fenômeno aconteça.

Como deusa virgem Artemis era imune de se apaixonar. Não foi raptada como Perséfone e Demeter, e nunca foi metade de um par marido-mulher. Como arquétipo de deusa virgem, Artemis representa um sentido de integridade, uma-em-sí-mesma, uma atitude de “sei cuidar de mim mesma” que permite à mulher agir por conta própria, com autoconfiança e espírito independente. Esse arquétipo possibilita a mulher sentir-se completa sem um homem. Com isso ela pode sair ao enalço de interesses e trabalhos que são significativos para ela, sem precisar da aprovação masculina. Sua identidade e senso de valor se baseiam sobre o que ela é e faz, e não tanto no fato de ser casada ou com quem. Sua insistência em ser tratada de senhorita expressa uma qualidade de deusa virgem típica de Artemis, que enfatiza a independência e a separação dos homens (BOLEN, 1990. p. 82).

Contudo notamos que parece ser difícil viver uma vida isolada do mundo e dos outros. Por isso Artemis tinha diversas ninfas que a acompanhavam a todos os lugares que fosse. Contudo embora isso acontecesse, Artemis não tinha um bom relacionamento social. Isso se mostra evidente na passagem do mito que relata a história de Acteon. Artemis punia todos os homens que chegavam perto dela, e muitas vezes chegava a ser agressiva. Acteon era um caçador que estava perambulando pela floresta, quando avista a deusa Artemis e suas ninfas se banhando em um riacho ao lado. Encantando com tamanha beleza, o caçador fica a admirar as mulheres. Quando Artemis percebe a sua presença, lança um feitiço que acaba por transformá-lo em um veado adulta e em seguida, solta seus cachorros para devorá-lo. Acteon em sua forma animal, tenta fugir, mas é alcançado pelos cachorros e morre. Notamos então que Artemis se desenvolveu através da solidão, contudo fez um uso abusivo dela, e acabou por se tornar uma deusa que não consegue ter um contato social. Isso nos leva a crer que a solidão é necessária, contudo quando utilizada em demasia, pode levar a sérios problemas sociais.

Entendemos, assim que o viver em sociedade é necessário para o ser humano, e que não podemos chegar a um crescimento se não temos uma experiência com o outro. Contudo o viver com o outro inclui um viver consigo mesmo, pois não podemos entender a experiência do outro, se não consigo vê-la em mim mesmo. Estar sozinho é

se apropriar de seus próprios conceitos e de sua própria existência. Aprendizados podem vir do mundo exterior como podem vir do mundo interior, contudo nunca vamos conseguir abstraí-los se não tivermos um contato conosco mesmos, ou seja, um pouco de solidão.

No próximo capítulo mostraremos como o amor e a solidão proporcionam o crescimento do ser humano. Para isso utilizaremos o conceito de individuação proposto por Jung, e o aplicaremos nas duas instâncias citadas.

5 Amor e Solidão no processo de individuação

Jung chama de individuação o desenvolvimento da psique. Segundo ele, quando nascemos estamos envoltos em conteúdos coletivos, porém com o amadurecer, conteúdos pessoais começam a ser integrados à psique. Nesse momento ocorre o surgimento da consciência e do inconsciente pessoal. Jung explica que quanto mais o ser humano cresce mais ele se afasta do seu lado coletivo, tornando-se cada vez mais dono de si mesmo. Em palavras do próprio Jung: “Quanto mais o homem se torna consciente do próprio eu, tanto mais se separa do homem coletivo que ele próprio é, e se encontra mesmo em oposição a ele” (JUNG, 1987c, p.232-233). Portanto a individuação é a estrada pela qual o indivíduo começa a caminhar ao processo de tornar-se si mesmo. Nesse processo um ego já estruturado “caminha” em direção ao self (si mesmo). Quando falamos em ego estamos de certo ponto falando em consciência. Isso se deve, pois o ego é o centro da consciência. Jung (2000) define ego como

Entendemos por “eu” aquele fator complexo com o qual todos os conteúdos conscientes se relacionam. É este fator que constitui como que o centro da consciência, e dado que este campo inclui também a personalidade empírica, o eu é o sujeito de todos os atos conscientes da pessoa. Esta relação de qualquer conteúdo psíquico com o eu funciona como critério para saber se este último é consciente, pois não há conteúdo consciente que antes não se tenha apresentado ao sujeito (JUNG, 2000a par 1, p.1).

Assim entendemos que a consciência é tudo que nós sabemos que somos. Portanto quando falamos em algo que sabemos, significa que não é oculto, ou seja, não é inconsciente. Ser consciente é, portanto entender e conhecer tanto eventos internos quanto externos. Os eventos que não são conhecidos por mim, estão inconscientes.

A consciência contém o que Jung chamou de personalidade empírica, ou seja, nossa personalidade conforme lidamos com ela diariamente. Todavia o ego como centro da consciência é o que dá ação a essa consciência. “O termo ego refere-se à experiência que a pessoa tem de si mesma como um centro de vontade, de desejo, de reflexão e ação (STEIN, 2006, p.23)”. Ou seja, tudo que sabemos de nós mesmo está na consciência, contudo quem decide o caminho que vou trilhar e me dá autonomia é o ego. A consciência percebe o mundo interior e exterior, o ego decide o que fazer com os

conteúdos vindos desses mundos. Simplificando, podemos afirmar que a consciência é tudo aquilo que sei, enquanto o ego é tudo aquilo que sou consciente.

Além disso como dito por Jung, nada se torna consciente sem passar pelo crivo do ego. Assim entendemos que o ego entra em contato com conteúdos inconscientes, que podem chegar à consciência de acordo com a “vontade” do ego. O ego também pode mandar conteúdos da consciência para a inconsciência, ou seja, ele é o grande mediador entre essas duas instâncias. A consciência nunca vai entrar diretamente em contato com o inconsciente, entretanto através do ego o inconsciente passa conteúdos que podem ser integrados na consciência. Os conteúdos chegam ao ego na forma de símbolo, e o ego decide se esses conteúdos podem adentrar a consciência, ou se voltam para o inconsciente. Em alguns casos conteúdos inconscientes chegam com tanta força que acabam por atravessar o ego. Nesses casos a pessoa pode ficar descontrolada, pois o “eu” dela foi desmantelado, e no lugar dele surge outro que antes era inconsciente.

Com o desenvolvimento do ego, o sujeito começa a se tornar mais consciente de si mesmo. Isso ocorre, pois, a integração de conteúdos inconscientes, causam a ampliação da consciência. Com essa ampliação o ego caminha em direção ao self.

É o ego que ilumina o sistema inteiro, permitindo que ganhe consciência e, portanto, que se torne realizado. Se por exemplo, possuo algum dom artístico de que meu ego não está consciente, este dom, talento não se desenvolve e é como se fora inexistente. Só posso trazê-lo à realidade se o meu ego o notar. A totalidade inata, mas escondida, da psique, não é a mesma coisa que uma totalidade plenamente realizada e vívida (VON FRANZ, 2002, p.162)

Se esses conteúdos artísticos citados acima chegam à consciência o sujeito toma posse deles, e começa a entendê-los como próprios dele mesmo. Esses conteúdos que antes eram inconscientes passam a ser conscientes, e levam a uma ampliação da própria.

O conceito de self na psicologia causa muita confusão. Jung chama de Self a totalidade da psique e o arquétipo central. Trataremos aqui somente da totalidade da psique. O self nunca vai chegar à consciência já que ele representa toda psique, constituindo, portanto, todo inconsciente. Assim como o ego é o centro da consciência, o self é o centro da psique. Ele também é chamado de si mesmo, pois constitui tudo aquilo que o sujeito é. A tarefa da individuação é tomar cada vez mais consciência desse self, ou seja, integrar cada vez mais conteúdos inconscientes na consciência.

Gostaria apenas de lembrar que, quanto maior for o número de conteúdos assimilados ao eu e quanto mais significativos forem, tanto

mais o eu se aproximará do si mesmo, mesmo que esta aproximação nunca possa chegar ao fim (JUNG, 2000a. par.43, p.21).

Assim entendemos que o processo de individuação está estritamente relacionado com inconsciência e consciência, ou melhor, relacionado com o eixo ego-self.

Stein (2006) conta que Jung assemelhava o processo de individuação com o pôr do sol. O processo de individuação inicia-se com o nascer do sol que representa a infância de uma pessoa. Atinge o seu ápice ao meio dia, que representa os 40 anos de idade - período no qual Jung chamou de metanóia. Após o ápice, o sol começa a trajetória para desaparecer novamente. Diante disso Stein (2006) introduz uma noção de estágios para o processo de individuação, dividindo tal processo em cinco etapas.

A primeira etapa ocorre nos primeiros anos de vida, e é marcada pelo conceito que Lévy-Bruhl, e mais tarde Jung, chamou de participação mística.

A participation mystique refere-se a uma identificação entre a consciência do individuo e o seu mundo circundante sem que ele tenha conhecimento de que se encontra nesse estado; a consciência e o objeto com o qual o individuo está identificado são misteriosamente a mesma coisa. Há uma ausência de conhecimento de uma diferença entre o próprio individuo e suas percepções, por um lado, e o objeto em questão por outro (STEIN, 2006, p.160).

Ou seja, a participação mística ocorre quando o bebê não se separa de sua mãe. A mãe constitui uma continuação do corpo do bebê, e ele não tem noção de “eu” nem de “outro”.

Na segunda etapa essa diferenciação começa a aparecer e a criança começa a ter noção de que ele é uma coisa, e sua mãe outra.

Na segunda etapa, as projeções tornam-se mais localizadas. Após as projeções incertas da primeira etapa, começam a aparecer na consciência algumas distinções eu/outro. O bebê adquire uma noção concreta de certos lugares onde o seu próprio ser físico se choca com objetos de fora, e começa a prestar atenção as coisas e a reconhecer diferenças entre si - mesmo e o outro, e entre os objetos do mundo a sua volta (STEIN, 2006, p.161).

Podemos hipotetizar que é nessa segunda etapa que temos o surgimento do ego, uma vez que a criança começa a se tornar consciente de si mesma. Além disso surgem também conteúdos pessoais, e o bebê estava envolto em conteúdos coletivos.

Na terceira etapa o indivíduo já enxerga o mundo com um olhar mais crítico, e começa a acontecer um distanciamento da mãe. As crenças do mundo começam a ser atribuídas a algo maior.

Nessa etapa o mundo perde muito do seu primitivo encanto. O conteúdo psíquico projetado torna-se abstrato, e manifesta-se agora com símbolos e ideologias. Omnisciência e onipotência deixaram de ser atribuídas a seres humanos, mas tais qualidades são projetadas em entidades abstratas como Deus, Destino e Verdade. Filosofia e Teologia tornam-se possíveis [...] ainda há projeções de material inconsciente. Mas essas projeções estão investidas menos em pessoas e coisas do que em princípios símbolos e ensinamentos (STEIN, 2006, p.162-163).

Entendemos portanto que nessa fase o que move um sujeito a fazer ou não, é uma figura que vai além de seu pai e mãe. O mundo começa a perder seu encanto inicial, mas ele é ainda controlado por algo superior.

Na quarta etapa as projeções irão desaparecer quase por completo. Tanto figuras como pai e mãe, como figuras divinas não vão ter mais importância.

A quarta etapa representa a extinção radical de projeções, mesmo na forma de abstrações teológicas e ideológicas. Essa extinção leva a criação de um “centro vazio” que Jung identifica com a modernidade. Isso é o “homem moderno em busca de sua alma”. O sentimento de alma – do grandioso sentido e propósito na vida, imortalidade, origem divina, um “Deus íntimo” – é substituído por valores utilitários e pragmáticos [...] O indivíduo contenta-se com breves momentos de prazer e com as satisfações de desejos controláveis [...] os seres humanos tornam-se realistas (STEIN, 2006, p. 163).

Observamos que nessa fase o sujeito está muito consciente de si mesmo. Podemos falar que o seu ego já está estruturado, e ele agora pode entrar no que Jung chamou de metanóia – metade da vida onde conteúdos da sombra, anima e animus começam a ser integrados na consciência com mais intensidade.

A quinta e última etapa representa o que Jung chamou de metanóia.

Nessa etapa há um reconhecimento consciente da limitação do ego e uma clara percepção dos poderes inconscientes; e torna-se possível uma forma de união entre consciência e inconsciente através do que Jung chamou de função transcendente e o símbolo unificador. A psique unifica-se mas, ao invés da Etapa 1, as partes permanecem diferenciadas e contidas na consciência (STEIN, 2006, p. 164).

Ou seja, nessa etapa os conteúdos inconscientes começam a chegar à consciência com mais facilidade. Nesse momento o ego caminha em direção ao self, para se tornar cada vez mais individual, saindo portanto do coletivo. A pessoa começa a se tornar cada vez mais ela mesma, fugindo de seu lado coletivo. Contudo embora pareça simples, esses conteúdos não são de fácil acesso. Por conta disso o processo de individuação traz consigo uma mudança no sujeito, essa mudança geralmente é acompanhada por um sofrimento.

O verdadeiro processo de individuação – isto é, a harmonização do nosso consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou self – em geral começa infligindo uma lesão a personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Esse choque inicial é uma espécie de “apelo”, apesar de nem sempre ser reconhecido como tal. Ao contrário, o ego sente-se tolhido nas suas vontades e desejos e geralmente projeta essa frustração sobre qualquer objeto exterior. Isto é, o ego passa a acusar Deus, ou a situação econômica, ou o chefe, ou o cônjuge como responsáveis por esta frustração (VON FRANZ, 2002, p. 166).

O processo de individuação ocorre graças ao que Jung chama de auto-regulação, aonde conteúdos inconscientes chegam à consciência com intuito de realizar uma compensação. Ou seja, através de conteúdos simbólicos como sonhos, associações livres e outros, podemos receber conteúdos inconscientes necessários para o desenvolvimento pessoal. Embora o indivíduo caminhe para encontrar o si mesmo, é impossível ele se desenvolver sem a presença do outro, seria impossível, por exemplo, um indivíduo realizar a individuação se ele vivesse sozinho e não tivesse contato com outras pessoas. Assim o contato com o outro é essencial para que o processo ocorra.

Nos relacionamentos amorosos notamos isso ainda mais forte, já que convivemos com o outro de forma intensa, lidando com seus defeitos, e conseqüentemente com os nossos defeitos. Ao lidarmos com um parceiro notamos que ele apresenta defeitos que chega muitas vezes a nos incomodar, algumas vezes aceitamos esses defeitos em prol de um bom relacionamento. Isso pode causar um crescimento enorme já que estamos lidando com conteúdos externos do parceiro, mas que podem ser internos nossos. Como dito no primeiro capítulo desse trabalho, o amor aparece de diversas formas, contudo sempre tem como característica mobilizar o sujeito que o vive. Seja na paixão ou no amor, sentimentos em relação ao outro estão sempre sendo integrados à consciência. Assim quando relacionamos o amor com individuação, vemos que o primeiro é parte necessária para o desenvolvimento do segundo. Através

do amor entendemos e vivenciamos conteúdos que antes não eram tão claros para o nosso ego. O amor traz à tona sentimentos, emoções e pensamentos que mexem conosco, e que acabam criando um desenvolvimento e ampliação da consciência.

No primeiro capítulo vimos o mito do andrógino, e entendemos o porquê do homem buscar sua metade faltante. Podemos relacionar essa busca com o processo de individuação, já que o sujeito busca sua completude. Em outras palavras o humano busca trazer de volta sua totalidade perdida, podemos chamar essa busca pela totalidade de processo de individuação. Ou seja, o encontro com o parceiro pode muitas vezes nos levar a completude, e à caminhada em busca da totalidade

Outro mito que vimos no primeiro capítulo diz respeito à história de Eros e Psique. Vimos as dificuldades que o relacionamento os impõe, e como é sofrido a busca pela união. Contudo após passada essas diversas adversidades o casal se junta e vive o resto de suas vidas no Olimpo. Essas dificuldades fazem parte do relacionamento amoroso, e elas são partes necessárias para desenvolver a psique.

No mesmo capítulo observamos a ideia de amor e poder. Vimos que um corresponde ao oposto do outro, mas que um não existe sem o outro. Um casal que apresenta essas duas instâncias desequilibradas não cresce. É necessário que tanto o amor quanto o poder de cada indivíduo seja trabalhado na relação. Assim o casal pode apresentar crescimento através desses dois conteúdos

Assim vemos que o relacionamento amoroso não apresenta um caminho fácil. O casal deve superar diversas dificuldades para crescer. Isso também se mostra evidente no processo de individuação, no qual é cercado por dificuldades e desafios. Contudo tanto no amor quanto na individuação, as dificuldades levam ao crescimento. Por conta disso, os dois processos se entrelaçam.

Assim como o amor, a solidão também é necessária para o processo de individuação. Como dito no segundo capítulo, ser só é ser si mesmo. Jamais poderíamos realizar o processo de individuação sem sermos nós mesmos, já que o próprio processo tem por definição caminhar em busca do si mesmo. Estar em contato com o outro é necessário, contudo estar em contato com o si mesmo é tão necessário quanto. É impossível entender e compreender conteúdos, sem estarmos em contato com o nosso próprio ser. A solidão é muitas vezes temida, pois o contato com conteúdos internos nem sempre é prazeroso. Por conta disso as pessoas negam a solidão, e preferem focar sua vida no outro. Dessa forma o sujeito passa a viver a vida do outro, e acaba por não entender a si próprio.

No mito de Eros e Psique percebemos que em certo momento da relação o casal se separa e devem passar por tarefas individuais para conseguirem que o relacionamento retorne. Nesses momentos eles devem viver momentos de solidão, e devem passar por diversos desafios para conseguirem cumprir seu objetivo.

Vimos também o mito de Artemis, que não tinha nenhum parceiro amoroso, mas que mesmo assim tinha uma liberdade e inteligência que permitia um grande desenvolvimento. Observamos todos os apetrechos da deusa, e vimos como que apesar de sozinha amorosamente é considerada grandiosa. Isso se mostrou evidente também na frase de Storr (1996), quando ele mostra a história de grandes pensadores da humanidade, que em determinado momento da suas vidas se refugiavam e passavam momentos de solidão.

O amor e a solidão constituem duas instâncias que facilitam o processo de individuação. Logicamente não são os únicos que permitem tal façanha, pois diversos outros mecanismos movem nossa vida. Não podemos afirmar que uma pessoa que ama e tem momentos de solidão consegue alcançar o processo de individuação. Fatores como relações familiares, relações de amizade e outros, causam grandes mudanças na vida de uma pessoa. Contudo cabe colocar que tanto a solidão quanto o amor tem uma importância não só na vida individual como também na coletiva. E talvez seja impossível definir o ser humano, sem olhar seus amores e suas solidões.

6 Discussão

No percorrer desse trabalho muitas questões foram levantadas, diversos aspectos foram discutidos. Contudo quando adentramos no universo do relacionamento amoroso, percebemos que quanto mais estudamos, menos sabemos. Por isso parece que um estudo acerca do fenômeno amoroso jamais o abarcará por inteiro, pois o fenômeno é muito complexo para ser explicado racionalmente. Contudo cabe fazermos uma discussão a respeito do tema, pois apesar de ser extremamente complexo, representa uma grande importância na sociedade.

No primeiro capítulo do trabalho, entendemos o fenômeno amoroso em suas diversas facetas. Discutimos inicialmente a diferença entre amor e paixão, mostrando que a cultura na qual nos inserimos tende a confundir os dois fenômenos. Brigas e conflitos de casais são muitas vezes repudiados pela sociedade, que considera o amor como algo que não permite erros. Por conta disso muitas vezes o amor é visto como algo perfeito. Mostramos nesse trabalho que o amor não apresenta perfeição alguma, sendo muitas vezes o contrário de tal perfeição. Justamente por não ser perfeito o amor pode trazer o crescimento.

Ilustramos também esse trabalho com o mito de Eros e Psique. Esse mito é muitas vezes usado para explicar a psique feminina, já que a história tem um foco maior em Psique. Contudo discutimos o mito do ponto de vista amoroso, o que acaba por incluir Eros e a psique masculina como ponto essencial da história. Isso mostra a riqueza de um mito, que pode ser interpretado de várias facetas. Logicamente quando amamos, temos como objeto desse amor um homem ou uma mulher, mas será que podemos afirmar que o homem ama de uma forma, enquanto a mulher ama de outra completamente diferente? Podemos observar que o jeito como o feminino lida com o amor é diferente de como o masculino lida. Contudo observamos semelhanças em diversos aspectos. O amor é sempre vivenciado como algo intenso, forte e inexplicável, e isso ocorre tanto em homens como mulheres. Podemos talvez afirmar que o amor transcende o masculino e feminino.

Observamos também no primeiro capítulo a questão dos opostos: amor e poder. Esse é um tema que não é abordado apenas pela psicologia analítica, mas também por grande parte da filosofia. Já na época de Platão, o amor era assunto frequente nos

debates. Segundo Platão (1988) o amor é desejo, e esse desejo só existe pela falta. Segundo ele, só se ama o que não se tem, e o que não se pode. Ou seja, para Platão uma pessoa ama apenas a falta do outro. Nesse sentido tudo que é presença, não contém amor, e a disponibilização acaba com o amor. Aristóteles (apud Borges, 2004) discorda de Platão, no sentido que para ele o amor ocorre também na presença. Para ele o amor não é apenas desejo, mas é além de tudo alegria. O amor aristotélico nos permite uma experiência mais potente de nós mesmos. Ou seja, para Aristóteles, o sujeito ama o que o alegra, e o que o faz se sentir íntegro. O último tipo de amor que podemos citar é o amor cristão (Borges, 2004) que consiste em amar a alegria do amado. Ou seja, ele se diferencia do amor aristotélico, pois a alegria muda de foco, indo para o amado, e não para o amante. Nesse sentido a alegria do outro me alegra, e por isso eu o amo. A primeira vista ao colocarmos esses tipos de amores, não estaríamos falando de poder. Contudo se prestarmos atenção notamos que o poder está presente nos três tipos de amor. Em Platão vemos um EU que ama a falta do outro. Em Aristóteles temos um EU que ama o que o alegra. E no amor cristão temos um EU que ama a alegria do outro, mas que apenas a alegria do outro pode alegrá-lo. Notamos a palavra EU forte nos três tipos de amor. Podemos chamar esse EU de poder, pois ele diz respeito aos nossos desejos e vontades. Assim entendemos que apesar de serem opostos o amor e o poder caminham juntos, e um não existe sem o outro. Assim vemos que a questão de amor e poder é muito importante para compreendermos os relacionamentos humanos.

Já no segundo capítulo entramos com o tema solidão. À primeira vista, a solidão parece não ter ligação alguma com o amor, contudo através de estudos de autores como Comte-Sponville (2006), vimos que um não existe sem o outro. Vimos que solidão não que dizer necessariamente isolamento, e que é possível ser sozinho, vivendo em contato com o outro. Essa característica nos levou a hipotetizar que a solidão assim como o amor, é peça importante para o crescimento. Contudo se observa que a sociedade tem muito medo da solidão, e muitas vezes acabam vivendo a vida do outro, ao invés de viver a sua própria.

Fazendo uma ligação com o medo da solidão observamos Storr (1996), que traz justamente a necessidade que as pessoas têm de se relacionarem. Segundo ele, cada vez mais as pessoas buscam a vida em conjunto, o que muitas vezes acaba por causar um desinteresse pela própria vida.

Nesse momento cabe fazermos uma ligação entre dois autores que, à primeira vista, parece ter ideias opostas. Storr (1996) traz a solidão como necessária para o

crescimento humano, e discute justamente uma sociedade mais solitária. Carotenuto (1994) mostra o amor como essencial para o crescimento, e mostra como a experiência com um parceiro é essencial para a humanidade. Temos aqui dois livros que falam de dois temas diferentes; o primeiro deles chamado Solidão, e o segundo chamado Eros e Pathos. A discussão que cabe fazermos aqui é apontar uma intersecção entre os dois autores. Nenhum dos dois estava errado, e ambos colocam brilhantemente a vivência humana. Por conta disso, cabe dizermos que os dois livros se ligam, e que amor e solidão são duas experiências indissolúveis.

Para ilustrar o segundo capítulo vimos o mito de Artemis que assim como o mito de Eros e Psique, é muito usado para ilustrar a psique feminina. Contudo nesse presente trabalho, nós o utilizamos para entender melhor a solidão. Talvez assim como o amor, a solidão também transcenda o feminino e masculino, tendo um caráter único. Cada sujeito vivencia sua solidão de forma diferente, contudo por se tratar de um arquétipo, apresenta conteúdos comuns a todos os seres humanos.

No terceiro e último capítulo do trabalho vimos o conceito de individuação proposto por Jung, e relacionamos tal conceito com o amor e a solidão. Vimos que a individuação constitui em um processo que ocorre durante toda vida, e consiste na caminhada em busca de si mesmo. No processo o sujeito se afasta cada vez mais do coletivo, e caminha em busca do seu verdadeiro si mesmo. Diversas vivências fazem parte do processo de individuação, como por exemplo; relação com familiares, relação com amigos, alegrias, momentos de raiva, momentos de ódio etc. É impossível criar passos para se realizar a individuação, pois cada sujeito pode realizá-la de uma forma, e conseqüentemente chegar a um fim diferente. O amor e a solidão são apenas mais um aspecto que ajudam no processo de individuação. Contudo eles apresentam uma enorme importância tanto na vida individual como na coletiva, por isso um estudo acerca desses fenômenos faz-se necessário.

7 Considerações Finais

Fazer um trabalho acerca de relacionamentos amorosos é ao mesmo tempo muito intrigante e frustrante. Intrigante, pois, o assunto em si traz diversas dúvidas e questionamentos. Mesmo em conversas informais percebemos que o tema amor, cria uma grande expectativa e mexe muito com as pessoas. É frustrante, pois parece que quanto mais estudamos sobre esse fenômeno menos o compreendemos como tal. Quando relatava para alguém que meu trabalho tinha como tema o relacionamento amoroso, diversas pessoas relatavam suas histórias amorosas com a esperança de que eu pudesse resolvê-las. Todavia quanto mais eu estudava e mais ouvia histórias pessoais, mais eu percebia que não compreendia o fenômeno amoroso. Estudos a respeito do amor não devem cessar jamais, já que esse é um tema que parece ter uma força grande na vida coletiva e pessoal. Talvez a única forma de compreendê-lo seja através da vivência, e talvez seja impossível transformar essa vivência em um livro ou trabalho. Porém é muito prazeroso falar de amor, mesmo quando não entendemos sua dinâmica, e é muito prazeroso ler sobre o amor, pois mesmo não definindo a experiência por completo, sentimos que aquele texto também diz respeito ao nosso amor.

Relacionar amor com a solidão também foi uma tarefa árdua, já que o tema solidão aparece muitas vezes como um tabu nas sociedades atuais. Contudo a maior dificuldade ao estudar solidão tendo como base a psicologia analítica é a falta de bibliografia. Talvez caiba até fazermos uma crítica a alguns estudiosos da psicologia analítica. Quando Jung (2000b) descobriu o conceito de arquétipo, ele colocou que esses aparecem em todas as épocas e períodos e são infinitos. Ou seja, existem diversos arquétipos que sempre apareceram na cultura. Obviamente seria impossível estudar a todos, e o próprio Jung se ateve a alguns arquétipos específicos, como o arquétipo da mãe, arquétipo do pai, sombra, anima, animus etc. A crítica que podemos realizar a respeito de alguns estudiosos da psicologia analítica é a não ampliação do estudo desses arquétipos. Muitos estudiosos ficam presos a sete ou oito arquétipos que apesar de terem sua importância, não são os únicos existentes. Quando fui realizar o estudo da solidão, fiquei frustrado com tal situação, pois como um tema tão importante que sempre apareceu na sociedade, poderia ser esquecido? Tenho certeza que a solidão não é o único tema a ser esquecido pela comunidade junguiana. Proponho então um maior

estudo acerca dos arquétipos, não se atendo apenas aos que já foram relatados pelo próprio Jung. É inquestionável a importância de arquétipos como a grande mãe, ou do pai, contudo não somos formados por apenas esses arquétipos, mas sim por diversos outros que habitam nosso inconsciente coletivo. Através desse estudo, talvez estejamos dando um passo em direção à compreensão de um sujeito e de uma sociedade.

Referências

- ALVARENGA, Maria Zelia et al. *Mitologia Simbólica: estruturas da psique e regências míticas*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- BELLOTI, Adilia. *Alma gêmea e o mito do andrógino*, disponível em <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=3970>> acesso em 9 de outubro de 2009.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher: Nova psicologia das mulheres*, São Paulo: Paulus, 1990.
- BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BOSS, Medard. *Solidão e comunidade*. In: Revista da associação brasileira de *daseinsanalyse* nº 1, 2 e 4, 1997.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol II. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAROTENUTO, Aldo. *Eros e Phatos: Amor e Sofrimento*, São Paulo: Paulus, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Introdução a história da filosofia I: dos pré socráticos a Aristóteles*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- COLETA, Alessandra et al. *O amor pode ser virtual? O relacionamento amoroso pela internet*, disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/PE/v13n2/a10v13n2.pdf>> acesso em 6 de março de 2009.
- COMTE-SPONVILLE, André. *O amor a solidão*, São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DESCARTES, René. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril, 1983.
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Vol.VII. Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.
- FURTADO, José Luiz. *Amor*. São Paulo: Globo 2008.
- KANT, Immanuel. *Crítica à razão pura*. São Paulo: Icone. 2007.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. São Paulo: Vozes, 2005.

JACOBY, Mario. *Encontro Analítico: transferencial e relacionamento humano*. São Paulo: Cultrix, 1991.

JOHNSON, Robert. *He: a chave do entendimento da psicologia masculina*, São Paulo: Mercuryo Novo Tempo, 2009.

JOHNSON, Robert. *She: A chave do entendimento da psicologia feminina*, São Paulo: Mercuryo Novo Tempo, 2009.

JUNG, Carl Gustav. *Psicogênese das Doenças Mentais III*. Petropolis: Vozes, 1986.

_____. *Fundamentos da Psicologia Analítica XVIII/1*. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Psicologia do Inconsciente VII/1*; Petrópolis: Vozes, 1987^a.

_____. *O Eu e o Inconsciente VII/2*. Petrópolis: Vozes, 1987b.

_____. *A Natureza da Psique VIII/2*. Petrópolis: Vozes, 1987c.

_____. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si mesmo IX/2*. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo IX/1*. Petrópolis: Vozes, 2000b.

_____. *Tipos Psicológicos VI*. Petrópolis: Vozes, 2000c.

_____. *Memórias, sonhos, reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MONTAIGNE, Michel. – *Ensaio: livro 1*. São Paulo: Globo, 1961.

MORAES, Noely et al. *É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo?* São Paulo: Musa, 2005.

NAGY, Marilyn. *Questões filosóficas na psicologia de C.G. Jung*. Petropolis: Vozes, 2003.

PICKRELL, John; MIDDLETON, Lucy; ANDERSON, Alun; *Instant expert Love*. Revista New Scientist, 2006, disponível em <<http://www.newscientist.com/article/dn9981-instant-expert-love.html>> acesso em 23 de abril de 2009.

PLATÃO. *O Banquete*. São Paulo: Abril Cultura, 1988.

PREGNOLATO, Mariuza. *Vida a dois: Um breve olhar sobre o relacionamento amoroso*. disponível em <<http://mariuzapregnolato.com.br>> acesso em 24 de março de 2009.

RUSSO, Renato. *Monte Castelo*. Interprete: Legião Urbana. In: LEGIÃO URBANA. *Quatro estações*. EMI, p1989. 1 CD. Faixa 7.

ROUGEMONT, Denis. *História do Amor no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2003.

SANFORD, John. *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós*. São Paulo: Paulus, 2006.

SANTOS, Mario Vitor (organizador). – *Os pensadores: um curso*. Rio de Janeiro: Relume Dumatra e Casa do Saber, 2006.

SOUZA, Debora. *Amor solitário: uma análise dentro da perspectiva do gênero*; Revista Artemis v7, 2007, disponível em <[www.prodema.ufpb.com.br/revistaartemis/ numero7/](http://www.prodema.ufpb.com.br/revistaartemis/numero7/)> acesso em 24 de março de 2009.

STEIN, Murray. *O Mapa da Alma: Uma Introdução*. São Paulo: Cultrix, 2006.

STORR, Anthony. *Solidão*. São Paulo: Paulus, 1996.

VON FRANZ, Marie Luise. *O processo de individuação*. In: *O Homem e Seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.